

REVISTA **BZZZ**



ANO 8 | Nº 95 | JUNHO/JULHO 2021

COISAS DE NATAL

Curiosos nomes de ruas e locais durante o século 20

LEMBRANÇA

Dos gloriosos tempos do Grande Ponto ao abandono d'A Samaritana

RICA MEMÓRIA

Das fraldas do Atlântico à Cidade Maravilhosa, a incrível história de Homero Homem

ALÉM DO ÓBVIO

Um passeio pelas aldeias medievais de Portugal

MAIS

E os segredos de Sintra

OS CARAS

RN do surfe, de Felipe Dantas a Ítalo Ferreira

A rádio de Natal

O INVENTIVO

ELE COMANDA A EMISSORA QUE REÚNE OS MAIS DIVERSOS GÊNIOS, NAS SUAS FORMAS DE TALENTO E TEMPERAMENTO, DE PADRE A POLÊMICOS COMUNICADORES. ÊNIO SINEDINO CONTA COMO É ADMINISTRAR A PLURALIDADE DO RÁDIO E SEUS ALCANCES PROFISSIONAL E PESSOAL EM CENÁRIO NACIONAL



A **proteção**
que **você** precisa para
ter mais **tranquilidade.**



Seguros para você e sua empresa.

Para viver com tranquilidade, é preciso ter segurança. Com as nossas soluções em seguros, você protege sua família, sua residência e sua empresa. Também encontra as coberturas mais adequadas para a sua necessidade, aproveitando assistências e benefícios exclusivos. Com essa proteção, as suas conquistas ficam mais seguras.

Invista na tranquilidade de ter um seguro.
Fale com o seu gerente e contrate já.



Siga-nos nas redes sociais e saiba mais.



@sicrediriograndedonorte

Sede Sicredi RN: (84) 4009 3535

SAC Sicredi: 0800 724 7720

Deficientes auditivos ou de Fala: 8000 724 0525

Ouvidoria Sicredi: 0800 646 2519

sicredi.com.br/riograndedonorte

sicredi.com.br/seguros

SAC - 0800 724 7720 / Deficientes Auditivos ou de Fala - 0800 724 0525. Ouvidoria - 0800 646 2519.

CONTAGEM REGRESSIVA

Chegamos à edição de número 95. E seguimos para terminar este oitavo ano da BZZZ com a orgulhosa marca do número 100. São tantas emoções. Diria Roberto Carlos. Ele, que já levou em suas mãos, rumo ao seu jatinho aterrissado em solo potiguar, exemplares desta colmeia de informações e muitas histórias memoráveis. Era a primeira edição, que tinha entre suas ótimas entrevistas a advogada e grande dama Denise Gaspar, que entregou pessoalmente as revistas ao Rei, seu amigo dileto. Ele a chama de Denisinha. Inclusive no show que apresentou no Teatro Riachuelo. Na matéria com Denise tinha uma foto dela ao lado do cantor. Ele estava hospedado onde sempre fica em Natal: na suíte presidencial do Ocean Palace, que pertence a Família Gaspar.

E esta 95ª edição traz na entrevista de capa um querido amigo que muito admiro pela sua capacidade profissional, coragem, determinação e pluralidade de ver e fazer acontecer a comunicação: o jornalista Ênio Sinedino. Ele bateu um ótimo papo com a jornalista Aura Mazda, e ela descreve no recheio destas páginas. E o grande historiador Ivan Lira de Carvalho nos brinda com mais uma incrível história de vida e obra de mais um ilustre potiguar: Homero Homem. Se a história já é boa, imagine contada sob a pena deste imortal da Academia Norte-rio-grandense de Letras, membro do Instituto Histórico e Geográfico do RN, do Conselho Estadual de Cultura e da Academia de Letras Jurídicas do RN. Achou muito? Tem mais: juiz federal e professor da UFRN.

Surfe potiguar em alta, retomamos as matérias com dois gigantes das ondas: Ítalo Ferreira, que ganhou a histórica medalha olímpica do surfe, e o pioneiro Felipe Dantas. Também rememoramos o ótimo passeio pelas vilas medievais portuguesas, que fica como dica para quando viagem rumo a d'álmar for liberada. E também contamos os segredos da belíssima portuguesa Sintra. Lugar não apenas de palácios e sabores, mas também de belas praias. O jornalista Minervino Wanderley revela curiosidades instigantes sobre nomes de ruas e locais de Natal durante o século 20. Das lembranças que Natal nos traz, deleite-se com os gloriosos tempos do Grande Ponto, e lamente o abandono do casarão que um dia foi A Samaritana.

Boa leitura
Eliana Lima - Editora



PUBLICAÇÃO:

JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE

ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

www.bznoticias.com.br

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,

CRÍTICAS E ELOGIOS

revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

COLABORADORES

AURA MAZDA, KÁTIA PIRES/LOS ANGELES

CAPA

CÍCERO OLIVEIRA



**BUSÃO
SOLIDÁRIO**

AÇÃO DE RESPONSABILIDADE
DO SETURN/NATALCARD
CRIADA EM MARÇO DE 2020,
COM O OBJETIVO DE AJUDAR
FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO
DE VULNERABILIDADE
EM DECORRÊNCIA DA
PANDEMIA DA COVID-19.



RESULTADOS:

✓ **257***
TONELADAS
de doações
realizadas

✓ **14 MIL***
famílias
beneficiadas

✓ **05***
INSTITUIÇÕES
ILPI (Longa
Permanência)
contempladas

*DADOS ATUALIZADOS ATÉ 28/06/21

**ESSA CORRENTE NÃO PODE PARAR.
AJUDE VOCÊ TAMBÉM!**



PONTOS DE COLETA

VOCÊ PODE DOAR:



**ALIMENTOS NÃO
PERECÍVEIS**



**HIGIENE
PESSOAL**



LIMPEZA

NatalCard

- NatalCard sede (Candelária)
- Posto Fundação (Zona Norte)

Armazém Seturn
Ribeira, em frente
ao Banco do Brasil.

(84)3026-8450
(84)99664-9797

**Nordestão
(unidades)**

- Tirol
- Igapó
- Santa Catarina
- Prudente de Moraes
- Salgado Filho
- Cidade Jardim
- Petrópolis
- Ponta Negra
- Nova Parnamirim
- Cidade da Esperança (Super Fácil Atacado)

**DE CASA, DOE
QUALQUER VALOR!**



84 991060986

Banco Sicoob (756)
Agência: 4194 C/C: 7327-0
CNPJ: 02.967.096/0001-97

Embarque junto com os nossos parceiros nessa corrente do bem!



SETURN
UNIDADE DAS EMPRESAS DE TRANSPORTES
URBANO DE PASSAJEIS DO RIO GRANDE DO NORTE



**TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO NORTE**



Tribunal Regional do Trabalho
21ª Região | Rio Grande do Norte



Tribunal Regional Eleitoral
do Rio Grande do Norte



MPRN
MINISTÉRIO PÚBLICO
DO RIO GRANDE DO NORTE





38



72



8 | AS LISBOETAS



56



78



88 | HOLOFOTES



64



84

90 | ARTIGO



O paraíso é aqui!

A 28 quilômetros de Natal, à beira-mar da praia de Camurupim, conhecida pelas suas piscinas naturais, fica o Colmeia Chalés, perfeito para momentos de lazer e relax.

São chalés para seis e quatro pessoas, totalmente equipados para se sentir em casa, inclusive área de serviço e quintal.

Para o lazer, piscina, churrasqueiras, salão de jogos, redário, pranchas de surfe com remo. Oferece estacionamento privativo coberto e a água totalmente filtrada.



Praia de Camurupim - Nisia Floresta / RN

(84) 99962-3991

www.colmeiachales.com.br



ELIANA LIMA

elianalima@portaldabelhinha.com.br

OS ALTOS LISBOETAS

Você sabia que Lisboa é considerada a cidade das sete colinas? Reza uma das lendas que era para se assemelhar com as grandes inclinações de Roma, a capital italiana.

Os sete montes são visíveis desde a chegada a Lisboa pelo Rio Tejo. Contudo, todavia, há quem defenda que uma colina foi esquecida. Especialmente a mais alta da capital portuguesa: a da Graça, encoberta pelo Castelo de São Jorge.



Eliana Lima

Numa das colinas, o Castelo de São Jorge

AOS MONTES

A primeira referência feita às colinas surgiu no século 17, na obra “O Livro das Grandezas de Lisboa”, do frei Nicolau de Oliveira. Na sua assinatura, aparecem as colinas de São Jorge, São Vicente, São Roque, Santo André, Santa Catarina, Chagas e Sant’Ana.



Eliana Lima

Vista que se tem do belo imóvel histórico na Estação do Rossio. As colinas sempre presentes, por onde se anda em Lisboa



Eliana Lima

Vista por cima da Av. da Liberdade. PS.: as gruas indicam que Lisboa está em franco desenvolvimento imobiliário

ESPECIFICAÇÕES

Das colinas descritas pelo frei, a de São Jorge fica o glorioso castelo, de onde se defende o surgimento do primeiro povoado, que originou Lisboa. Fortaleza que resistiu a muitas batalhas. No seu entorno, o bairro da Mouraria e uma pequena parte de Alfama.

No alto de São Vicente de Fora se visita Alfama e o convento erguido no lugar que existiu um templo de homenagem ao mártir.

Sant’Ana é a mais central. Antes definida pelos leitos das antigas ribeiras de Valverde e Arroios, hoje deram lugar à badalada Av. da Liberdade.

Em Santo André se pode apreciar casas e palácios construídos há séculos.

A das Chagas tem uma grande subida que leva ao Largo do Carmo, onde está a Igreja das Chagas, em homenagem às feridas de Jesus Cristo. Representa, assim, as dificuldades do homem para chegar ao seu destino.

Santa Catarina, mártir, também é conhecida como Miradouro do Adamastor, onde no centro tem uma estátua do mítico gigante referido por Camões no Os Lusíadas.

No São Roque fica o efervescente Bairro Alto. No topo, aquele que é considerado um dos miradouros mais bonitos – e visitados: São Pedro de Alcântara. Antes, chega-se à Igreja de São Roque, santo dos inválidos e dos cirurgiões.

APROVEITE

Quem for a Portugal deve ter no roteiro um passeio pelo belo Aletenjo de histórias, vinhos e gastronomia singular.

Uma boa ocasião para acrescentar cidades vizinhas, só que do outro lado da fronteira, na Estremadura espanhola. Siga para Badajoz, linda cidade de muita história. Reza a lenda que na época visigótica foi dominada e destruída pelos árabes, por volta de 715. Depois, em 875, foi remodelada e deu lugar a um importante reino árabe.

Até que em 1230 foi conquistada pelos castelhanos, a mando de Afonso IX, rei de Leão, que deu um brasão à cidade. E no tempo de Alfonso X, o Sábio, um episcopado foi dado ao local e começou a construção da Catedral de São João Batista, o patrono da cidade.

Elhana Lima



Porta de Palmas, símbolo emblemático de Badajoz

BOM

Badajoz é hoje um importante centro comercial, onde se encontra, por exemplo, um grande outlet do El Corte Inglés. É rota do presunto (jamón) ibérico, os mais exclusivos do mundo. É de onde sai a famosa pata negra, feita do porco preto, específico dessa região e do Alentejo. São criados livres em montados arborizados, e o processo de cura se estende dos 8 aos 36 meses.

SABORES

E não deixe de almoçar ou jantar no charmoso restaurante Carnívora, de vários ambientes, onde a especialidade são carnes na brasa, mas também servem peixes, tapas, miniburguers, saladas e, claro, vários tipos de presunto. Melhor: preço camarada. Para se ter idéia, uma garrafa do champanhe Veuve Clicquot custa 55 euros, o preço de um vinho tipo custo-benefício em vários bares e restaurantes da Europa. E a noite ferve no centro, de pubs a boates.



Restaurante Carnívora

PRESUNTOS

O melhor é o jamón ibérico de bellota, com cura dura 36 meses. Alimenta-se unicamente de belotas. O segundo e o jamón ibérico de recebo, alimentados com belotas e cereais. O terceiro tipo é o de cebo, ou simplesmente jamón ibérico, em que os porcos são alimentados a cereais, e a cura dura 24 meses.



Elisana Lima

Presunto e vinho à vontade

HISTÓRIA

Em Monesterio, província de Badajoz, tem o Museo Del Jamón. E em cada lugar, seja bar, lanchonete, restaurante, é parar para se deliciar com jamones e vinhos espanhóis. Bons vinhos.



Museo del Jamón Monesterio

Elisana Lima

MAIS

Outra bela província de Badajoz é Llerena. Cidade de muitas histórias. E tragédias. Foi um dos grandes palcos da sanguinária inquisição, entre 1485 e 1834. Cerca de 350 portugueses foram presos ou mortos no período. Reza a lenda que pessoas eram colocadas vivas entre as paredes da Igreja Nossa Senhora de Granada, enquanto pingos de água caíam sobre a cabeça. Morriam com o cérebro perfurado.



Porta de entrada para a parte muralhada de Llerena



Igreja Nossa Senhora da Granada, Llerena

Elisana Lima

UMA MARAVILHA

Outra cidade próxima que é puro encantamento é Mérida, também margens do Rio Guadiana, com raízes na ocupação romana da Península Ibérica. O centro reflete à importância do império romano, mesmo após 20 séculos da fundação da cidade. Não à toa, seu conjunto arqueológico foi considerado, em 1993, Patrimônio da Humanidade pela Unesco.

Sua fundação remete a 25 a.C., por Otávio Augusto. Em 411 foi invadida pelos árabes, que deixaram suas marcas; depois vieram a reconquista cristã e os estabelecimentos dos reinos de Espanha e Portugal.

ROTA

Mérida tem um roteiro histórico imperdível. É o conjunto arqueológico, que se pode fazer a pé num só dia. O bilhete custa 15 euros para entrar no conjunto do anfiteatro, no incrível Teatro Romano, com muita coisa ainda preservada; em Alcazaba (fortificação mourisca), na Casa do Mitreo (espécie de área funerária da época romana), ao Circo Romano, ao Centro Funerário dos Colúmbários, e à Cripta da Basílica de Santa Eulalia.



No majestoso Teatro Romano, em Mérida

Elisana Lima

Petit
Bougainville
Condominio Hotel



Registro de Incorporação N. 7376 - Matrícula: 78, Fls. 197/199 - Premotação N. 15.144 - Datado: 11/11/2019
Registro Notorial de Touros/RN

Informações sobre o *Petit Condomínio*
84 3693.2027

Rua Principal, 05 - Praia de São José - Paraíso do Gostoso - Touros/RN - CEP: 59.584-000
reservas@pousadaspadosamores.com.br

www.pousadaspadosamores.com.br



Ivan Lira de Carvalho

Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do RN, do Conselho Estadual de Cultura e da Academia de Letras Jurídicas do RN. Professor da UFRN, Juiz Federal



POESIA E PROSA

VOANDO NAS ASAS
DE HOMERO,
MENINO E HOMEM

Homero no anexo da casa do bibliófilo Plínio Doyle, por ele frequentado todos os sábados, durante trinta e quatro anos, para encontro com amigos (Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Paulo Medes Campos, dentre muitos). Rua Barão de Jaguaripe, 74, I

Canguaretama, situada nas fraldas do Atlântico e de um gracioso delta de rios comandado pelo Curimataú, tem um histórico de turbulências institucionais e políticas, desde que conhecida por Uruá, passando pela toponímia de Penha, até chegar à atual denominação. Que falem por si episódios como o desembarque que ali fez Feliciano Coelho, Governador da Paraíba, em 1597, acudindo com homens e armas no processo de reconquista do Rio Grande, então sob a rebeldia dos tupis, estes conluiados com piratas e corsários franceses; ou anos avante, o Morticínio de Cunhaú, instrumentalizado pelo judeu Jacó Rabi, com uma bandeira religiosa que encobria outras motivações de ordem laica e econômica, botando ao chão os que hoje estão ungidos como santos do catolicismo; ou a figura icônica de André de Albuquerque, que daquelas bandas partiu para assumir o comando da Revolução de 1824 e ocupar a presidência da província, de onde foi deposto com brevidade, a golpe de sabre; ou as peraltices de Dendé Arcoverde, dono de terras e reitor feudal do seu povo, na base do chicote; ou, finalizando o rol exemplificativo, o longo exercício da intendência de Fabrício Maranhão, por décadas escolhido para chefiar a localidade, contando do início da República, sem prejuízo da ocupação paralela de outros postos, como Deputado e Vice-Presidente da Província. Eis uma amostra das peculiaridades da terra em comento.

Pois foi por aí assim, em 1897, que o cotidiano da Freguesia da Penha (outra denominação, com caráter mais religioso, embora a padroeira seja a Virgem da Conceição...) teve renovação com a chegada do Juiz de Direito Joaquim Homem de Siqueira Cavalcanti, oriundo de Pernambuco, conduzido por instâncias do amigo Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, que comandava o Estado por ter caído nas graças do poder nacional que sucedera ao mando imperial. Era casado com Philadelphia de Carvalho Moura (nome de solteira), também pernambucana, tendo o casal oito

filhos, um deles com o mesmo nome do pai. Em 1913 o magistrado Joaquim é levado a judicar na capital do Estado, levando consigo toda a prole, salvo o homônimo, que preferiu restar em Canguaretama, tocando o Engenho Catu, que pertencia à família. Já situado em Natal, o juiz ficou viúvo e se casou novamente, com uma sobrinha (Maria Joaquina), com quem teve cinco filhos, dentre estes os poetas Esmeraldo e Milton Homem de Siqueira, sendo o primeiro médico e professor e o segundo um intelectual mais despojado e divulgador dos seus escritos pelos cafés e bares da cidade.



Os avós de Homero Homem, Desembargador Joaquim Homem de Siqueira Cavalcanti e a primeira esposa, Philadelphia Moura



Joaquim e Elisa, pais de Homero Homem



Canguaretama, anos vinte

Devidamente instalado no Catu, o casal Joaquim Filho e Elisa Martins Delgado teve onze filhos, sendo o sexto batizado como Homero, que nasceu a 05 de janeiro de 1921, lá mesmo na casa grande da propriedade rural. Fez os primeiros estudos em Canguaretama, no Grupo Escolar Fabrício Maranhão, demonstrando ser um aluno modelo. O apoio familiar para aprimorar ainda mais o aprendizado vinha de uma irmã do seu pai, Umbelina Siqueira Cavalcanti, a Tia Bila, uma criatura diferente, para os padrões de então: lia muito, escrevia poesia, falava esperanto, praticava a enfermagem e, de quebra, era comunista (talvez a primeira mulher a publicizar essa ideologia no Estado, tendo posteriormente fundado em Natal uma célula do partido,



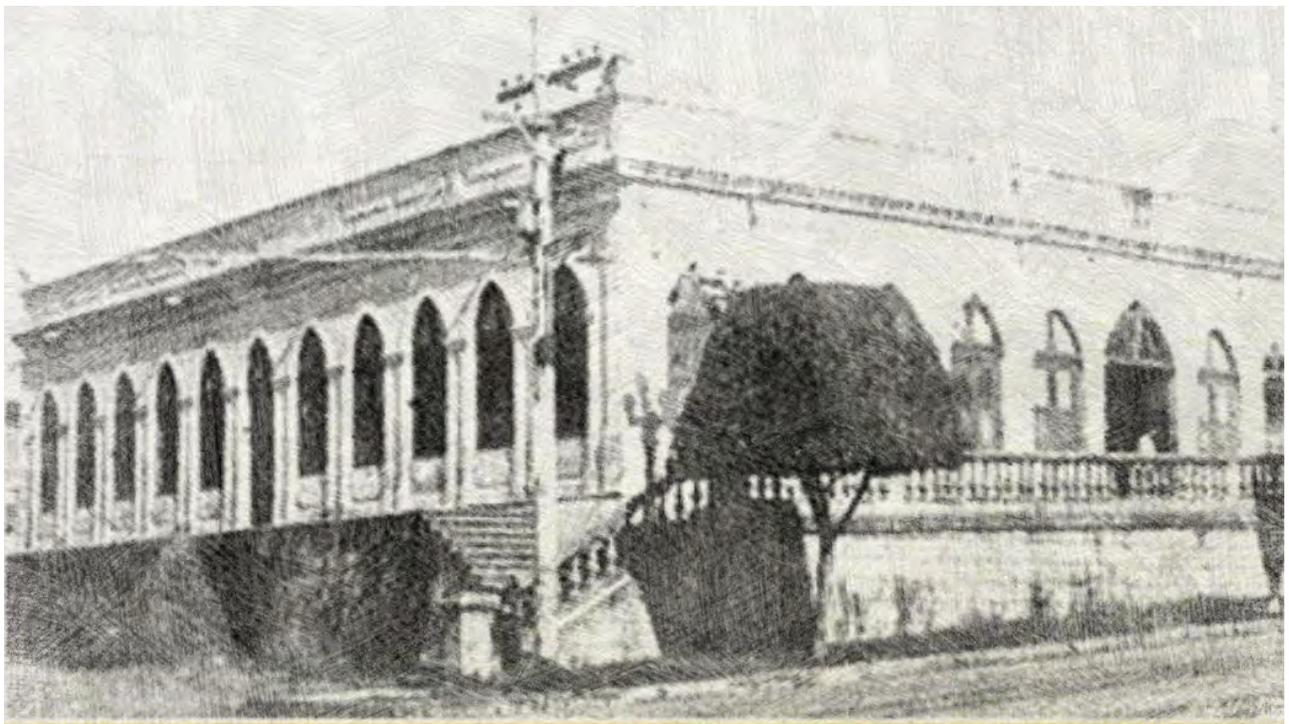
Foto rara: Umbelina Siqueira Cavalcanti, a Tia Bila, em traje de enfermeira

que funcionava na sua residência, à Rua Voluntários da Pátria, 804, onde foi feita uma devassa policial ao ensejo da Intentona de 1935). Tia Bila foi o grande farol intelectual do Homero.

Após ter exercido a intendência de Canguaretama (1923/1924), Joaquim Siqueira entrou em quebra dos seus negócios e resolveu debandar com toda a família para morar na capital, buscando outros horizontes. Era 1930. Arranjou um emprego na Inspetoria de Rios, Portos e Canais do Porto de Natal e tomou casa no bairro das Rocas, reduto de gente pobre e de ruas esburacadas, sofrendo o influxo das marés. Vizinhança de estivadores e afins. Com família grande, era para o que dava o dinheiro. Desabrochando para a

adolescência, Homero já adquiria insumos para anos adiante escrever um dos seus mais consagrados livros, “Cabra das Rocas”, e de legitimar-se como “canguleiro”, apelido pejorativo dado a quem residia ao sul da Ribeira ou da Cidade Alta, redutos elitistas dos cognominados “xarias” (comedores de xaréu, um peixe nobre). Com toda a ginga de orgulhoso habitante do bairro humilde, mas com o diferencial de acessar a biblioteca do avô desembargador para ler Zola e Balzac, Homero trespassou o exame de admissão e ingressou no mais importante estabelecimento de ensino da época, o Atheneu, contemporâneo de estudantes que no futuro ocupariam espaço nas letras e no jornalismo potiguar, a exemplo de Veríssimo

de Melo, Ubirajara de Macedo, Luiz Maranhão, José Gonçalves de Medeiros, João Wilson Mendes Melo, Antônio Pinto de Medeiros e José Hermógenes de Andrade Filho. Naquele estabelecimento teve intenso envolvimento no Grêmio Literário, mas também fez PhD em malandragem, desprezando a fita de bom aluno que trouxera de Perna e integrando uma equipe desportiva de nome curioso: Morte Futebol Club, com uniforme negro e escudo similar às bandeiras de piratas. O desapego aos estudos formais teve um preço: dois anos seguidos de reprovação. Essas oscilações de conduta podem ter atizado ainda mais o seu veio político, buscando aproximação com o líder populista Café Filho, ao ponto de ser por este convidado



O Atheneu Norte-riograndense, na sede da Av. Junqueira Ayres, em Natal

para escrever em O Jornal, de sua propriedade. No paralelo, fundou com o colega Luiz Maranhão Filho o periódico O Estudante, onde era articulista de letras em brasa. Essa inflamada divulgação de ideias contestatórias aos rigores do Estado Novo rendeu alguns dissabores a Homero, inclusive uma “condição coercitiva” ao birô do Chefe de Polícia, não por acaso o seu tio Oscar Siqueira, que lhe aplicou um solene carão e depois, em afago, o presenteou com obras de Machado e de Eça, conforme está posto no livro “Canguleiro: ensaio biográfico sobre Homero Homem”, do jornalista Alexis Peixoto, lançado em 2013.

Após experiência não muito alentadora na redação de A República, com vinte anos de idade e muitos sonhos, já premiado como contista em concurso realizado pela revista Vamos Ler, do Rio de Janeiro, Homero resolveu tentar a

vida na capital do país, contando com o estímulo da Tia Bila, que entendia ser Natal uma cidade muito estreita para os horizontes do escritor e poeta que desabrochavam no sobrinho. Recebeu do pai uma passagem de navio e zarpou, ó! Fevereiro de 1942.

Mas as coisas na Cidade Maravilhosa não estavam tão maravilhosas assim para quem chegava àquela cidade. Com carta de recomendações em punho, procurou emprego no jornal Diário de Notícias, de propriedade do também norte-rio-grandense Orlando Dantas, pensando em uma colocação como revisor, mas o máximo que conseguiu foi um trabalho temporário, um tal “suplente de revisor”, que só ganhava quando algum titular faltava e ele fazia a cobertura. Foi nesse cenário de incertezas que Homero retornou aos estudos, com matrícula no curso

pré-jurídico, visando ingresso na Faculdade Nacional de Direito, o que de fato aconteceu, mas o vínculo só durou dois anos. Preferiu mesmo fazer um esforço e trabalhar na imprensa, para sobreviver e pagar mensalidade da pensão onde morava, na Lapa, dividindo quarto com outro potiguar, Thales Ramalho (que depois foi Deputado Federal por Pernambuco). Para aliviar a saudade da terrinha, aos domingos visitava o Deputado Café Filho, onde de quebra tinha o melhor almoço da semana.

Em 1944 o irrequieto Homero, a partir dos ganhos transitórios, conseguiu formar uma reserva financeira e montar a própria revista, com alguns sócios, a Publicidade & Negócios, voltada aos segmentos propostos no título. 1946 foi um ano bom: ajudou na criação do jornal Panfleto, que reunia um bom time de colaboradores, como



Prédio do jornal A República, onde Homero Homem trabalhou como repórter iniciante, em 1940



Rua da Constituição, 11: Diário de Notícias, primeiro trabalho de Homero no Rio

Agripino Grieco e Joel Silveira, e voltou para o Diário de Notícias, agora como redator permanente. Necas de “suplente”...

No início da década dos cinquenta Homero tirava o sustento como colaborador dos suplementos literários do Diário de Notícias e do Diário Carioca, quando apareceu a chance para ingressar no serviço público, na qualidade de redator do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes, o que veio a lhe oferecer estabilidade nos ganhos.

E a vida sentimental de Homero, hein? Não era ele um padrão de eugenia, mas tinha boa apresentação, andando nos trinques, da cabeça aos pés, como lembra o seu biógrafo Alexis Peixoto. Na lábria, balançava corações e teve o seu abalado por uma jovem taquígrafa que trabalhava na Câmara dos Deputados, a polonesa descendente de judeus Téia Carpen, com quem se casou em 1951, advindo o filho Eduardo em abril de 1953. A alegria do nascimento do primogênito foi contrabalançada com a morte de Téia, um mês depois, vítima de depressão puerperal. Vencendo a tristeza do luto, publicou em 1954 o seu primeiro livro, “A cidade: suíte de amor e pequena esperança”.

Novo casamento em 1956, com Zaira Kemper, que lhe deu as filhas Maria Elisa e Ana Maria. Era ela professora de pintura para crianças excepcionais, sendo essa atividade a motivação para Homero escrever a sua mais festejada obra, “Menino de Asas”,



Téia Carpen, a primeira esposa de Homero Homem. Mãe de Eduardo Cavalcanti



Zaira Kemper: uma pintura da pintora



Praia de Ipanema, Homero Homem com os filhos Eduardo e Elisa



Homero com a segunda esposa, Zaira Kemper, e os filhos Eduardo e Maria Elisa



Zaira e Maria Elisa, quando esta tinha um ano de idade



Eduardo, Maria Elisa e Ana Maria, filhos de Homero, brincam no Jardim de Alah, Rio de Janeiro

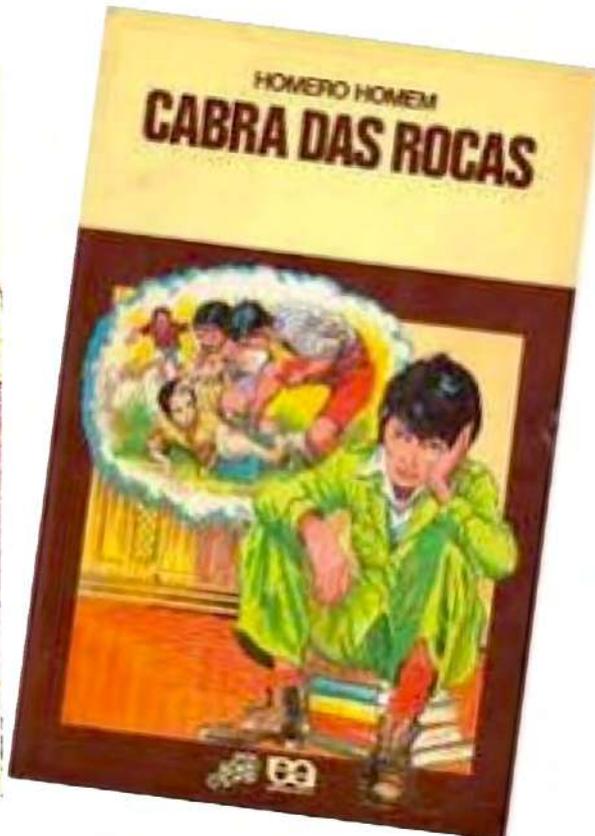
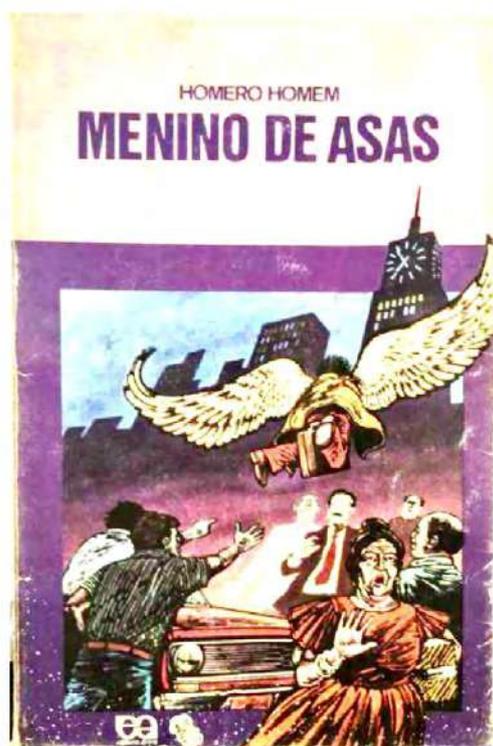
sucesso de público e de crítica (no Brasil isso não é fácil...). Da referida obra, secundando opinião de excelência desposada por Rubem Braga, disse Cândido Mota Filho no Diário de Notícias de 4 de janeiro de 1974, quando o livro se apresentava na quinta edição: “Suas páginas mostram a capacidade de dirigir a imaginação sem ter medo da realidade”. O encontro da escrita de Homero com a arte pictórica da esposa, ambas enredando com leveza a vida das crianças especiais, sofreu triste corte quando um câncer levou Zaíra deste plano, em 1967, meses antes do lançamento do livro. O período de dor foi

amenizado pela solidariedade de amigos que acorreram ao seu apartamento no Leblon, a exemplo de Manoel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Abrindo parênteses: nunca tirou a conta certa com eleições. Em 1950 foi candidato a vereador no Rio de Janeiro, pelo PSB; em 1954 disputou uma cadeira de Deputado Federal, ainda pela legenda socialista; em 1973 tentou entrar para a Academia Brasileira de Letras; em 1983 ariscou nova candidatura à ABL; em 1986 concorreu novamente à Câmara dos Deputados, sob a flâmula da coligação Aliança Popular Democrática. Fechando

parênteses: sem sucesso em todas as ocasiões.

Em 1970, quando estava às turras para criar uma espécie de sindicato que agregasse e oferecesse direitos claros aos escritores profissionais (tarefa que não conseguiu concluir...), Homero foi a uma festinha na casa do amigo Hilton Rocha, com quem havia trabalhado na redação do Diário de Notícias e lá conheceu Alzira Martins Figueiredo, que redescobriu a alma de sedutor do poeta. Casamento em poucos meses, durando até que a morte dele os separasse, a 17 de julho de 1991, ceifado por câncer de estômago.



Dois livros essenciais na bibliografia de Homero: “Cabra das Rocas” e “Menino de Asas”



Homero ladeado pelo tio Amando Homem de Siqueira e a prima Dulce Siqueira de Moraes, ambos advogados. Rio de Janeiro, 1991



A museóloga Maria Elisa, filha de Homero com Zaira



Eduardo Cavalcanti, primogênito de Homero. É pesquisador sênior no Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, na área de biodiesel

Não pode ser esquecido o esforço de Homero Homem para que se realizasse no RN, com a sua coordenação, as duas edições da Semana de Cultura Nordeste, em 1977 e 1979, sob os auspícios da Universidade Federal e contributo da Fundação José Augusto, reunindo escritores como José Américo de Almeida, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, João Ubaldo Ribeiro, Moacyr Cirne, Ledo Ivo, Osman Lins, Zila Mamede, Américo de Oliveira Costa, Diógenes da Cunha Lima, Gaudêncio Torquato, Nilo Pereira, Alvamar Furtado e muita gente mais desse nível.

Deixou larga e consistente obra, em prosa e poesia. Além dos livros citados e de produção esparsa em revistas e jornais, merecem registro “O país do não chove”, “Calendário marinho”, “Um doido e sua canção”, “Tábua de marés”, “Rei sem sono”, “O luar potiguar”, “Lírica e drama de cordel”, “Carlietana Carioca”, “Rio Grande do Norte”, “O goleador”, “O moço da camisa 10”, “O mundo do silêncio verde”, “O agrimensor da aurora” e “Eu sem ego”.

Para finalizar: “Poesia é veículo de todas as coisas e de coisa nenhuma. Tanto serve ao homem como dele se serve. Tanto pode isolar como participar. As duas atitudes são igualmente válidas. (...) O sucesso às vezes corteja o poeta e isso é bom. Mas o poeta não é obrigado a fazer corte ao sucesso, pagando-lhe na mesma moeda.” São palavras de Homero, escritor e poeta. Homem.



Minervino Wanderley

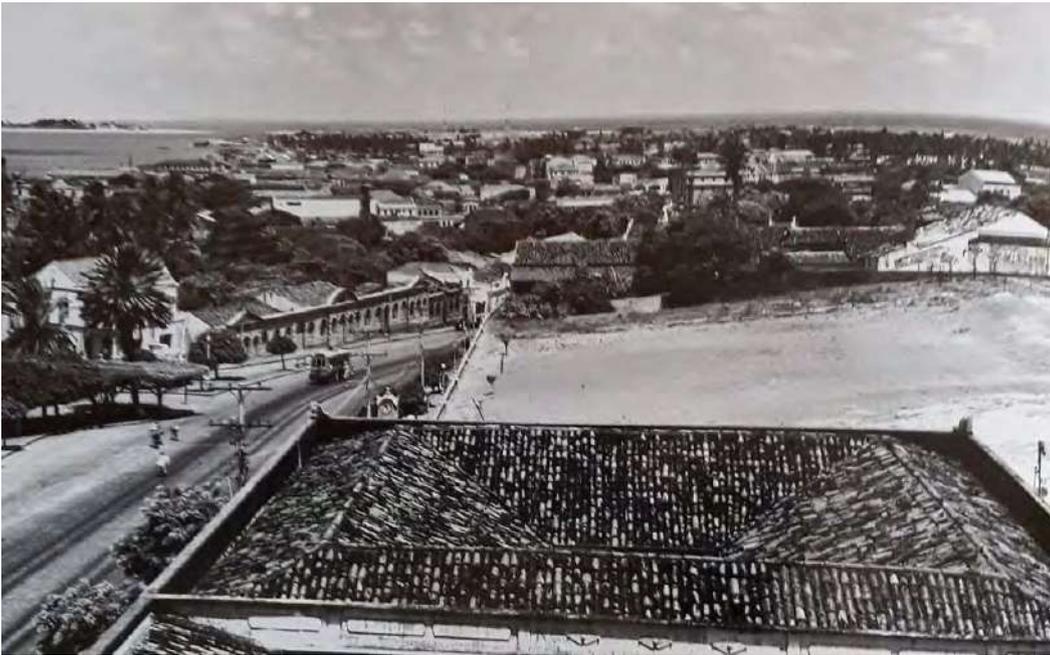
NATAL **Coisas de Natal**

DEZESSEIS NOMES CURIOSOS DE RUAS E LOCAIS DE NATAL DURANTE O SÉCULO XX. “SOLIDÃO” OU “POLÍGONO DO TIRO” ERA O BAIRRO DO TIROL



Lagoa Manuel Felipe (Anos 30). Por: Natal de Ontem

“Solidão” ou “Polígono do Tiro” era como era chamado o Bairro do Tirol. O bairro era deserto, escuro e sombrio. Uma verdadeira “solidão” que criava um ambiente propício para a bandidagem.



Rua dos Tocos era a Rua Princesa Isabel

As autoridades determinaram a derrubada da mata existente no local pra abertura da rua, restando muitos tocos de árvores ao longo da via.



Praça André de Albuquerque, primeira rua de Natal-RN, antigamente

Rua Grande era o nome dado ao local onde hoje fica a Praça André de Albuquerque
Uma via bem larga que foi também a primeira rua da cidade.



Vista aérea do Centro de Natal/RN

“Rua do Vai Quem Quer” era como era batizada a Rua Mossoró

Na época haviam poucos moradores na Rua Mossoró, e por lá predominava a prostituição.



O Oitizeiro do Baldo. Registro do alemão Bruno Bougard

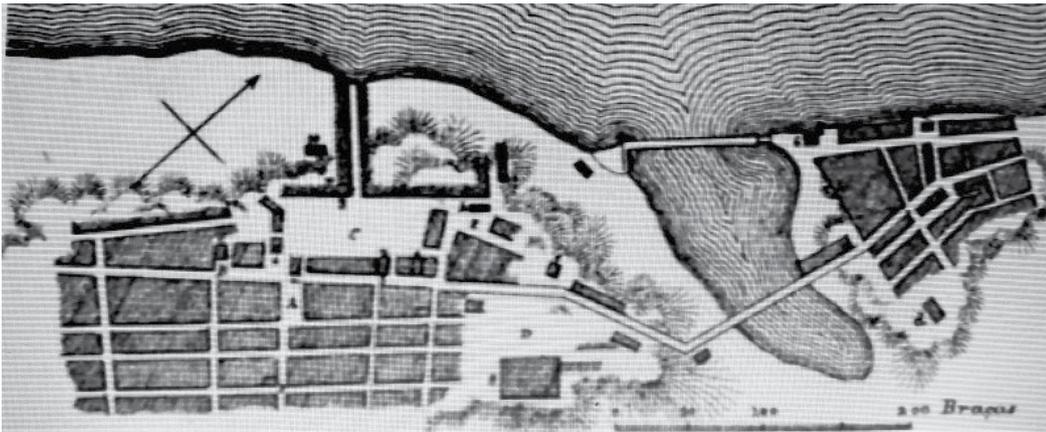
“Oitizeiro” ou Avenida do Contorno era como era chamado o Baldo

A região localizada entre o Baldo e o Rio Potengi ficava a única fonte de água da cidade de Natal.



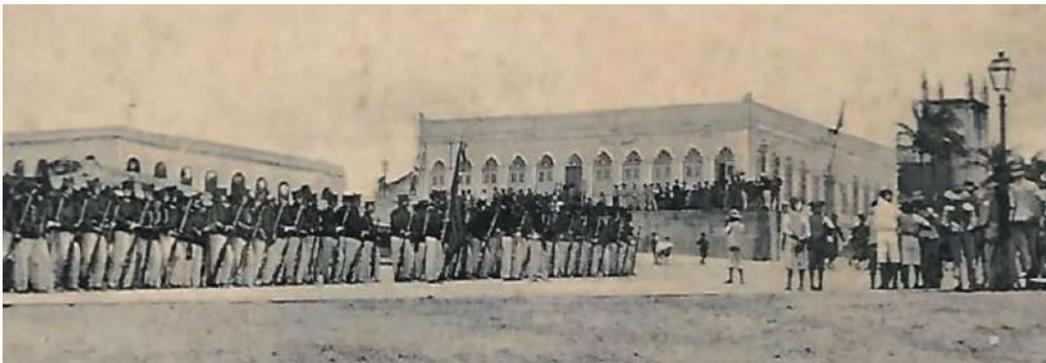
Rio Potengi e a Igreja do Rosário na década de 40

Conhece o “Rio Salgado”? Pois era como era chamado o Rio Potengi
Um apelido dado ao principal rio da cidade em referência à sua água salobra.



Mapa de Natal no século XIX

Rua do Catorze era o nome da Rua Felipe Camarão
A rua tinha esse nome devido a presença do 14º Batalhão de Infantaria, isso no fim do século XIX.



Antes de existir a agência do banco existia a “Praça do Peixe”, que era o local do Mercado Público Municipal, e onde eram vendidos peixes provenientes da pesca no Canto do Mangue

Praça do Peixe (ou Mercado Público Municipal) era o local onde hoje é a Agência Central do Banco do Brasil (Av. Rio Branco)



Avenida Deodoro da Fonseca na década de 60

Vila Palatnik era o nome de um trecho da Avenida Deodoro (Centro)

Porque a família judaico-russa Palatnik se estabeleceu em casas na atual avenida.



Rua Vigário Bartolomeu, antiga Rua da Palha em Natal, onde eram realizadas grandes festas juninas

Rua da Palha era o nome da Rua Vigário Bartolomeu

Rua em homenagem ao padre Bartolomeu Fagundes de Vasconcelos (ou padre “Memeuzinho”), homem que gostava das artes, maçonaria, e que abria as portas de sua casa para festas juninas memoráveis.



Rua Nova, hoje Rio Branco, Natal. Foto: Natal de Ontem

Rua Nova era a atual Av. Rio Branco

Naquela época Natal era uma pequena comunidade e qualquer rua nova que se abria era uma novidade.



Rua do Comércio, atual Rua Chile, Natal

A Rua do Comércio era o nome da Rua Chile, na Ribeira

A rua tinha ao longo dela inúmeros comércios, os primeiros da cidade.



Canto do Mangue e o Rio Potengi possivelmente no anos 60 (Natal, RN). Foto: IBGE

Canto da Jangada era como era chamado o Canto do Mangue

Supostamente porque vivia superlotado de jangadas,
meio de locomoção predominante na orla.



Hidroaviões não paravam de chegar e partir na época da Segunda Guerra Mundial

Conhece a “Estação de Hidroaviões”? Essa é fácil, era o nome da Rampa



A Antiga Ponte Metálica de Igapó era conhecida como Ponte dos Ingleses
Isso porque foi construída pela empresa inglesa Cleveland Bridge Engineering and Co.



Monte Petrópolis, Hospital da Caridade, Hospital Jovino Barreto e Hospital Miguel Couto foram os nomes do atual HUOL (Hospital Onofre Lopes)

O primeiro nome faz referência ao fato de que no passado havia apenas um grande monte na região, que é o coração do bairro de Petrópolis. Onofre Lopes da Silva (1907-1984) foi um médico que teve atuação direta na estruturação do ensino universitário no estado do Rio Grande do Norte, e foi o primeiro reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, além de, em junho de 1958, liderar um grupo de professores, que convenceu o então governador do estado Dinarte Mariz a criar a Universidade do Rio Grande do Norte.



ÊNIO SINEDINO

Ênio
BUSINESSMAN

DA INFÂNCIA
LIVRE A AMIZADES
COM ARTISTAS.
JORNALISTA DOS
MAIS INVENTIVOS,
ÊNIO SINEDINO
CONTA COMO É
ADMINISTRAR A
96 FM, QUE TEM
NA SUA GRADE
PROGRAMAS
DE PADRE A
POLÊMICOS
COMUNICADORES.
SÃO 40 ANOS
VIVENDO UMA NOVA
ERA DE OURO

Por Aura Mazda
Fotos: Cícero Oliveira

A infância feliz no bairro de Potilândia, em Natal, foi marcada por momentos que Ênio Sinedino guarda em um lugar especial do coração. Naquele tempo, bem diferente dos dias atuais, recorda-se que a criança corria solta nas ruas da cidade, brincado de carrinho de rolimã, polícia e ladrão e outras peripécias. “Não sou muito saudosista, mas confesso que bate saudade daquela época. Fui um garoto privilegiado por ter meus pais, a educação e a convivência em família. São esses valores e educação que tento passar para os meus filhos”.

Além das amizades na infância, o carisma e sua convivência com diferentes pessoas na Rádio Reis Magos (96FM) e em eventos foram cirúrgicos para que Ênio cultivasse laços duradouros na vida adulta. Um desses casos foi com Antônio Augusto Amaral de Carvalho Filho, o “Tutinha”, CEO do grupo Jovem Pan. A amizade já perdura por mais de 30 anos. “Ele veio para Natal e depois iria para Fernando de Noronha. Pedi para conhecê-lo e ele foi até a 96 FM, gostou do que viu e ficou impressionado com a qualidade plástica, dinâmica, com vinhetas fortes e bons comunicadores”, lembra Ênio, que fala com emoção da amizade fraternal que os dois desenvolveram. “Quando a Jovem Pan decidiu montar a Rede Brasil Jovem Pan, a primeira empresa consultada para ser afiliada foi a 96 FM. Expliquei na época que éramos uma rádio com uma alma popular e que não poderia mudar isso. Mantemos uma rela-

ção de amizade, carinho e respeito até hoje”, diz.

A presença de artistas e seus empresários no cotidiano de Ênio faz parte de sua rotina. Além de diretor da 96 FM, é sócio da Destaque Promoções, uma das maiores organizadoras de eventos do RN. Ele conta sobre essa relação de amizade com artistas: “Tenho mais acesso a Wesley (Safadão), Xand (ex-aviões), o pessoal da banda Saia Rodada, a dupla César Menotti e Fabiano, Raça Negra. No axé nem se fala, é com quase todo mundo. Sou muito próximo de Durval Lelys, por causa do Jerimum, bloco que ajudei a formar”.

O espírito empreendedor de Ênio tem uma boa parcela festiva. Animado, o comunicador comandou grandes bailes regados de boa música. As festas que mais o marcaram foram o aniversário de sete anos da 96 FM, com Beto Barbosa, no América, e um show de Cláudia Leite na Festa do Boi, época em que ela ainda era vocalista do grupo Babado Novo. “Tinha gente dançando na catraca da entrada do América, porque não cabia mais ninguém dentro. Outra foi com Claudinha Leite, parceria da Destaque Promoções e Valmir Mendonça na Festa do Boi, com quase 30 mil pagantes, sendo considerada a maior da Festa do Boi. Outra foi na antiga Shock Casa Show, com Raça Negra, que os ingressos se esgotaram com 24 horas de antecedência do show. Outra no mesmo lugar com Bruno e Marrone também teve lotação total. Já vivi e vivo momentos muito felizes”, comemora.

NAS ONDAS DO RÁDIO

Quando se fala sobre a história do rádio no Rio Grande do Norte e nacionalmente, as passagens de destaque são imediatamente associadas à Rádio Reis Magos, conhecida como 96 FM. Premiada com Disco de Platina, a emissora nasceu de um sonho pioneiro: trazer a primeira Frequência Modulada para as terras potiguares, em 1981. Quatro décadas depois, a “Rádio de Natal” vive hoje uma nova Era de Ouro sob o comando do inventivo Ênio Sinedino.

Sempre à frente em inovações, a empresa montou recentemente um dos melhores e mais modernos estúdios de rádio do Brasil. Equipamentos de ponta para garantir o melhor som e imagem em todas as plataformas digitais. O estúdio, projetado pela Broadcast Engineer, tem microfones de última geração, câmeras robôs, um novo switcher e vídeo wall. Essa história, entretanto, começou com muito menos tecnologia, mas criatividade em abundância. Não é de hoje que a ousadia corre nas veias do jornalista Ênio Sinedino. Sabendo do bom gosto do sobrinho para músicas, o tio Silvino Sinedino e o sócio Luiz Maria Alves, fundadores da 96 FM, convidaram o rapaz, na época com 16 anos, para fazer parte da construção da emissora.

O começo, lembra Ênio, não foi fácil. Sua primeira função era equivalente a estar no “chão de



Disco de Platina dado pela CBS/Sony como a rádio com maior audiência do país

fábrica”, como operador de tráfego, responsável por trazer e levar fitas de rolo com as programações vindas de outros estados. O primeiro contrato foi com a Rádio Transamérica, e em seguida com a Rádio Caetés. A programação inicial era composta integralmente por músicas,

espaço que Ênio também deu o tom. O que embalava a juventude da época - público alvo -, principalmente, eram grandes nomes internacionais, como Bon Jovi, Madonna e Prince. No quesito nacional, chamavam a atenção do público ouvinte a voz sedutora de Paulo Ricardo, do RPM; o



Com Tutinha, proprietário da Jovem Pan (amizade de 35 anos), em 1985



Recebendo disco de platina de Guilherme Arantes (Palácio dos Esportes)



No Estúdio B anos 90



Com Samuel Rosa, no primeiro show do SKANK em Natal

britânico-brasileiro Ritchie com sua “Menina Veneno” e o poeta-rebelde Cazusa. Nasceu nessa época o primeiro slogan: “96 FM, jovem como você”. Sacudiu o *hit parade* da época.

Quando a programação passou a ser segmentada, com a inserção de músicas mais populares, a rádio estourou de sucesso. “O que existia na época era um estigma de que a rádio FM era para a elite e a AM mais popular. Quando começamos a fazer programação local, dois anos depois da fundação da rá-

dio, sentimos que o gosto das pessoas pretensamente elitistas não existia no jovem. O que eles gostavam mesmo era de forró, axé e música romântica, de artistas como Rosana, Roupa Nova e Marquinhos Moura”, lembra. Quando a emissora começou a fazer a programação popular, ganhou prêmios de audiência de relevância nacional, no começo dos anos 90.

Proporcionalmente, no período, a 96 FM teve a maior audiência do país, cerca de 80% de todas as pessoas que escutavam rádio

em Natal estavam sintonizadas na Rádio Reis Magos. Foi ao pódio com o Disco de Platina dado pela CBS/Sony, maior gravadora do país à época. “Quando decidi colocar um quadro chamado Ouvinte no Ar, me chamaram de louco, mas sabia que aquilo nos daria a medida e a temperatura musical, se estava aquecida ou não. Essa invenção chamada de maluca por alguns foi um dos fatores que nos fizeram conquistar o Disco de Platina”.

O Brasil dos anos 90, próximo ao novo milênio que se avi-

zinhava, passava por grandes transformações, as pessoas se engajam cada vez mais sobre a realidade social e econômica do país tropical, abençoado por Deus, bonito por natureza, mas cheio de desigualdades sociais. Após pesquisas qualitativas, Ênio chegou à conclusão de que a população queria mais do que ouvir músicas, queria informações, notícias e prestação de serviços. “Na época tentei fazer um programa jornalístico, que inicialmente não deu certo. Falei com Diógenes Dantas [jornalista] e criamos o Jornal 96, A princípio, começava às 7h30 e ia até 8h. Quando coloquei o programa no ar foi um choque muito gran-

de, assim como foi quando inserimos as músicas populares”, lembra. Com a inserção dos 30 minutos no “horário nobre” da rádio para o jornalismo - considerado mundialmente das 7h30 às 9h30 -, o mercado publicitário reagiu com zombaria. “Eu me lembro das pessoas falando que eu iria colocar um blá blá blá no horário que todas as outras tocavam música. E eu arrisquei. Por ser a primeira emissora FM em Natal, temos essa característica do protagonismo”.

Passados quatro anos desde que foi ao ar, o Jornal 96 não só ganhou patrocinadores como virou uma referência nacional para outras emissoras, até os dias atuais.

O protagonismo de grandes histórias traz consigo momentos de glória e também dissabores, apostas certas e erradas. Para Ênio, os erros e acertos construíram seu maior legado: a Rádio 96 FM. “O meu maior orgulho é a 96 FM. Em toda a trajetória da rádio eu estive presente, desde a sua fundação. Aqui formamos grandes comunicadores e amigos para a vida toda. Foram tantas emoções. O fato de eu ter começado como tráfego e hoje estar na direção foi o que me ensinou muito, fato que devo a meu tio Sinedino, que dizia que eu só alcançaria voos mais altos se aprendesse toda a engrenagem radiofônica”.



Apresentando o Jornal das 6



Com Gustavo Lima



LUGAR DE DIVERSIDADE DE OPINIÕES

A emissora é referência em pluralidade de opiniões em toda a sua programação, desde o Bom Dia Natal, passando pelo O Povo no Rádio, Jornal 96 com Diógenes Dantas, Manhã 96, Meio dia RN com Bruno Giovanni e Bruno Araújo, o Jornal das 6 com Ênio Sinedino, Gustavo Negreiros e Dinarte Assunção, e mais recentemente o Metendo a Colher, com Cyro Robson, o Papinha. Uma verdadeira amálgama!

“A emissora tem uma responsabilidade social muito grande. Sempre foi uma preocupação minha ter o contraponto. A gente não podia explorar um tipo de

jornalismo sem essa pluralidade e opiniões divergentes. Aqui nunca houve censura, sempre colocamos nas mesas opiniões e contraopiniões, e esse é um dos segredos do nosso sucesso”, pontua.

O advento da digitalização aliou o áudio à imagem, privilégio da televisão em décadas passadas. Os programas diários são transmitidos em redes sociais, como o YouTube. Sucesso que vai somando público do mais diferenciado a cada dia. “O rádio foi o veículo que se apropriou melhor das redes sociais, ganhando um novo protagonismo na comunicação”, considera o Homem das Ondas do Rádio.

“O rádio foi o veículo que se apropriou melhor das redes sociais, ganhando um novo protagonismo na comunicação.”

ÊNIO SINEDINO



Abraão Gustavo

A vingança do médico

Um certo sábado pela manhã, a esposa do Doutor Agenor resolveu gastar dinheiro em uma loja de móveis planejados, e mesmo cansado o marido resolveu acompanhá-la na aventura. Ao chegar à loja, foram atendidos por uma moça baixinha, de óculos rosa, do rosto bolachudo. Passaram a manhã inteira vendo decorações para cozinha, móveis de quartos; só um criado-mudo era em torno de dois mil reais, imagine um criado falante. E lá estava a esposa do Doutor Agenor toda empolgada, e quanto mais ela falava a vendedora colocava mais lenha na fogueira, todos loucos para gastar o dinheiro do velho médico urologista. A mulher queria levar tudo que via pela frente. Então, o médico fingiu uma crise de tosse para correr do lugar mais rapidamente. E você sabe: em época de coronavírus, qualquer tosse ou espirro é motivo para todos quererem andar léguas de você. Já vi caso de pessoas mudarem de calçada porque alguém estava espirrando. Deu certo, a mulher do Doutor caiu na cena. Quando o médico foi até o caixa passar o cartão, a mocinha do caixa disse:

– Cinquenta mil.

O velho levou a mão na boca e começou a dar uma crise de tosse seca, a ponto de os funcionários oferecerem um copo de água. Enquanto ele bebia a água, a mulher do Doutor já estava com o cartão em mãos. A moça perguntou:

– À vista ou parcelado?

Quando o médico ia responder, tossiu mais uma vez e sua mulher aproveitou a deixa e disse:

– À vista, por favor.



O médico não se aguentou e disse:

– Amor, vamos embora!

– Preciso de repouso, outro dia voltamos.

No dia seguinte, na segunda-feira, o Doutor estava atendendo em sua clínica. Por coincidência dos diabos, lá estava a vendedora com os óculos rosa e rosto bolachudo e seu marido. Na noite anterior, brincaram tanto, que acabou inflamando os testículos de seu marido. O rapaz já chegou na clínica reclamando de dor. O médico olhou e viu que era a maldita vendedora que tinha feito sua esposa quase gastar cinquenta mil reais de uma hora para outra. O tal marido chegou explicou o que estava sentido. O médico disse:

– Terei que analisar seu caso. Tire a roupa e se deite na maca.

Enquanto o rapaz estava deitado na maca, o médico colocava lentamente suas luvas brancas sobre o dedo. A mulher, que estava na antessala, perguntou:

– Doutor, quanto tempo vai demorar esse exame?

Ele disse:

– Não se preocupe, em cinquenta minutos estará tudo resolvido.

Dava para ouvir os gritos do rapaz pelos corredores da clínica.



O Manary oferece 23 apartamentos lindamente decorados e equipados. Adicionalmente, o Hotel dispõe de bar, restaurante, piscina, Spa, Internet wi-fi gratuita no apartamento e na piscina e room-service sob consulta. Os mais renomados Guias de Viagem nacionais e internacionais destacam o Manary Praia Hotel como sendo o melhor Hotel de Natal ou da Praia de Ponta Negra.

www.manary.com.br  

Fones: +55 84 3204 2900 / 84 98148 2573

R. Francisco Gurgel, 9067 • Praia de Ponta Negra - Natal • RN • CEP: 59090-050 • Brasil



Fachada da FIERN

SISTEMA FIERN

Mais RN torna-se centro de inteligência estratégica e informações sobre o **RIO GRANDE DO NORTE**

Considerado o principal hub de informações sobre o Rio Grande do Norte, o MAIS RN tornou-se um centro de inteligência estratégica. Lançado em 2014, como um mapa de oportunidades de negócios, com potenciais econômicos e ações prioritárias para alavancar o crescimento econômico do estado no longo prazo, o programa passou por transformações no formato – do impresso para o digital – e na abordagem, ao colocar o empresário no centro

das ações.

E, hoje, é capaz de montar plataformas digitais para acompanhar indicadores econômicos atuando em parceria com instituições de ensino, o Poder Público e com outros setores da FIERN para atender demandas específicas de empresários, sindicatos e empreendedores. E desenvolver projetos e ações pactuadas com setores econômicos e outras instituições com intuito de promover um melhor ambiente de negócios no estado.



Gerente do Mais RN, Pedro Albuquerque

“O MAIS RN é o maior presente que uma instituição empresarial pode dar ao Rio Grande do Norte. É um programa de desenvolvimento estratégico, pensado a longo prazo, e que está em constante atualização. Temos a expectativa que as instituições públicas e a iniciativa privada possam usar as informações como uma bússola para orientar os negócios, os investimentos. É uma fonte de informação para se enxergar um Rio Grande do Norte diferente”, destaca o presidente da FIERN, Amaro Sales de Araújo.



Presidente da FIERN, Amaro Sales

SERVIÇOS PARA O SETOR PRODUTIVO

O coordenador José Bezerra Marinho explica que o MAIS RN tem o empresário no centro das ações do programa, atuando de forma compactuada com o Sistema S, entidades do setor produtivo, Universidades e Governo, com estratégias de serviços aos Sindicatos e aos empresários nos municípios. “É uma nova concepção, em um modelo para servir os Sindicatos e os empresários locais, que traz agendas importantes para transformar potenciais em resultados”, disse.

Com uma equipe multidisciplinar, o trabalho é focado no desenvolvimento de plataformas dinâmicas para múltiplos indicadores (Power BI), como o ‘MAIS RN e os Sindicatos do RN’ lançado recentemente. Um pro-

jeto pioneiro no Brasil, que sistematiza informações de sindicatos das indústrias potiguaras – que constituem o cerne da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte –, além de trabalhar com cenários e prognósticos.

Também estão disponíveis para acesso de investidores, empresários e sociedade em geral, ferramentas importantes como o MAIS RN Digital; o Painel de Petróleo, Gás e Energias Renováveis, Painel de Mercado e Economia; Observatório da Indústria; além de atuar na elaboração de projetos como o Observatório da Covid-19 no RN, Ação de vacinação contra a Covid-19, Ação de vacinação dos Industriários e o Caderno Econômico do RN.

MAIS RN 4.0

Durante a pandemia, em 2020, além de criar o Observatório da Covid-19, o Mais RN se destacou com a criação de um Núcleo de Planejamento que processou o Plano de Retomada das Atividades Econômicas no RN, com elaboração de protocolos de biossegurança, que foi adotado pelo governo estadual.

No ano passado, o programa estreou sua versão digital: o Mais RN 4.0, com a criação de um observatório de indicadores multidisciplinares capazes de mostrar em que patamar de desenvolvimento o RN se encontra e promoveu espaços de debate junto aos empresários, com o Mais RN em Ação. A plataforma de B.I. do Mais RN está hospedada no endereço eletrônico: <https://maisrn.fiern.org.br/>, com acesso aberto ao público.



Nossos feras!
Nossos craques
das ondas!



O município potiguar de Baía Formosa é uma formosura por natureza. Lugar de ondas perfeitas para surfar. Mas agora ganhou fama mundial. Feito que se deve ao filho Ítalo Ferreira, que conquistou o primeiro ouro olímpico da história do surfe. Mas o RN há muito que é celeiro de gigantes das ondas. Entre os pioneiros, Felipe Dantas. Aproveitamos essa onda maravilhosa surfada por Ítalo para retomar a entrevista que Leo Souza fez com ele – são grandes amigos –, e a de Leo Dantas com Felipe, que foi a capa da edição de nº 62, em agosto de 2018. Muito orgulho por eles!

SURF

Descobridor dos **SETE MARES**





CONSIDERADO O
PRIMEIRO SURFISTA
PROFISSIONAL
DO NORDESTE, O
POTIGUAR FELIPE
DANTAS, QUE HOJE
MORA NA INDONÉSIA,
DESCOBRIU AS BOAS
ONDAS POTIGUARES,
COMO AS DAS PRAIAS
DE BAÍA FORMOSA E
PIPA, E É INSPIRAÇÃO
PARA SURFISTAS DO
MUNDO INTEIRO

Por Leonardo Dantas
Fotos: arquivo

Era 24 de março de 1976. Uma quarta-feira e início da Semana Santa daquele ano. Nesse mesmo dia, nossos vizinhos argentinos sofriam um duro golpe militar. No Brasil, um jovem de 15 anos e mais alguns amigos surfistas não sabiam que estavam escrevendo a história do esporte no Brasil. “Essa semana mudou o caminho do surf brasileiro”, conta Felipe Dantas, 57 anos, diretamente de Bali, na Indonésia. Em um voo da Transbrasil, o grupo chegou ao paraíso localizado a 4 graus ao sul do Equador. “Em uma tarde linda e com ondas perfeitas tivemos a honra de surfar pela primeira vez em Fernando de Noronha”.

A primeira praia a ser explorada na ilha pelo grupo, que além de Felipe contava com Ronaldo e Vanessa Barreto, Zeca Line e Gilberto Pires, foi Boldró. Aquela semana foi inesquecível para o grupo. Por cerca de 12 anos, Dantas surfou em Noronha, como ele mesmo diz, “zero crowd”, ou seja, com pouquíssimas pessoas. “Um sonho para quem teve a sorte de surfar e nomear praias como Uhuru, Abracadabras, Laje do Bode e a bela ilha nomeada por um padre, a Cacimba do Padre”.

A história de Felipe Dantas se mistura com a história do surf brasileiro. Ele é considerado o primeiro surfista profissional do Nordeste. Competidor nato e muito determinado, seu estilo até hoje é lembrado pelos fãs, tanto em publicações especializadas quanto em suas redes sociais. O consenso é que a década de 1980 foi dominada por Dantas. Venceu diversos eventos naquele período e superou as fronteiras

do surf, tornando-se ídolo em uma época que o único esporte brasileiro reconhecido no mundo era o futebol. Além de Noronha, descobriu outros diversos picos pelo litoral brasileiro. Como é o caso de Baía Formosa, que ele considera a melhor praia do Nordeste.

Filho de família tradicional de Natal, Felipe Dantas nasceu em 1961. Seu pai foi o engenheiro e combatente da 2ª Guerra Milson Dantas, inventor do processo de pavimentação Bripar. Já sua mãe, a senhora Martha Maria Campos Mello Dantas, sempre foi conhecida pelos trabalhos filantrópicos realizados na capital potiguar. Morador de Petrópolis e estudante do Colégio Marista, o garoto passava férias entre Boa Viagem e Ponta Negra, já que sua mãe era pernambucana. Foi já nesse período que surgiu o interesse pelo oceano. “Meus pais possuem uma casa ali na beira da praia de Ponta Negra desde dos anos 1950. Somos proprietários até os dias hoje. Foi por lá que comecei meus passos. Pescar em alagamar todo dia era um dos meus hobbies favoritos no final dos 1960”.

As pranchas de isopor também faziam parte do veraneio. “Nessa mesma época, surgiu o interesse por parte do meu pai e do meu irmão de comprar uma prancha de ficar em pé. Fomos até a loja Paraibana, que ficava ali na Ribeira, e compramos uma totalmente de madeira, mas era muito difícil de ficar em pé porque ela não flutuava. Foi então que ele teve a ideia de lamina-la com isopor. Deu certo e ainda surfamos por uns dois verões com ela”.

Surfando na Indonésia

Diego Balestro



A turismóloga Tatiana Puccinelli, esposa e companheira de aventuras de Dantas, praticando Bodyboard



Felipe Dantas e a esposa, Tatiana Puccinelli, com a filha Carolina Dantas, que é cirurgiã plástica, no meio

COMO ERA A CENA DO SURF POTIGUAR

O garoto de nariz descascado vibrava a cada nova prancha que surgia. “Por volta de 1973 e 1974, começou a aparecer prancha por todos os lados. Era muito legal. Adorávamos as cores, os logotipos. Vinham de vários lugares como Rio de Janeiro e Estados Unidos. O surf virou uma febre em Natal”. Ele conta que apesar do pouco tempo, já em 74, a capital potiguar possuía uma marca de prancha de nível internacional. “Natal sempre teve potencial para o surf. Não seria diferente já termos uma marca. A Radical, do shaper Ronaldo Barreto, era e é de excelente material até hoje. Depois vários outros shapers surgiram aqui graças a expansão do esporte como meio de sustento familiar e cultural para

várias famílias potiguares”.

Ele conta também que, nessa época, o surfista mais falado em Ponta Negra era o atual Governador do Estado, Robinson Faria. “Ele tinha uma das melhores pranchas da praia, que foi trazida pelo seu pai, diretamente do Hawaí. Surfávamos juntos com Felizardo Moura, Carlos Eduardo, o ex-prefeito de Natal, Geraldinho Santos, Valério Sá, dentre outras figuras importantes da sociedade atualmente. Lembro disso, porque como eles ocupam cargo de poder no Estado e na capital, está mais que na hora de a administração pública olhar para esse esporte como uma grande ferramenta sócio-turística”.

Felipe também credita bas-

tante o pai pelo desenvolvimento inicial do surf potiguar. “A partir de um campeonato do Marista, ele viu que eu realmente gostava do esporte e me apoiou muito. Um homem sempre antenado no futuro, ele sabia que surf era inovador. Uma forma também de aprender um novo idioma. Ele foi o primeiro pai a acreditar no surf como meio de vida, tudo que eu sou hoje devo a ele”.

As ondas publicadas em revistas como a Surfing Magazine encantavam Felipe. “Nessa época olhávamos as publicações de surf americanas e ficávamos sonhando como seria ter uma onda daquelas, perfeita e perto de casa. Pois o surf se resumia a Ponta Negra, Praia dos Artistas e Miami”.

Cléudio Maranhão



Felipe Dantas de amarelo em 1979



Em Baía Formosa, nos anos 1980, em manobra histórica

A DESCOBERTA DE PIPA E BAÍA FORMOSA

Alguns rumores diziam que no litoral sul, em lugares chamados Pipa e Baía Formosa, existiam boas ondas para surfar. “Pescadores confirmaram e em setembro de 1975 fomos até lá. Foi uma enorme surpresa. O lugar era lindo e tinha altas ondas. Os nomes Lajão, Lajinha e Pontal da Baía Formosa surgiram nessa época”. A praia era praticamente

virgem e não tinha muito conforto. Os aventureiros por muitas vezes dormiam nas varandas das casas de veraneio.

Baía Formosa foi a primeira descoberta fora de Natal. Até mesmo antes de Tabatinga e Pipa. No ano seguinte, Felipe desbravava o mar de Fernando de Noronha. “Seu Milson Dantas mais uma vez teve uma participação

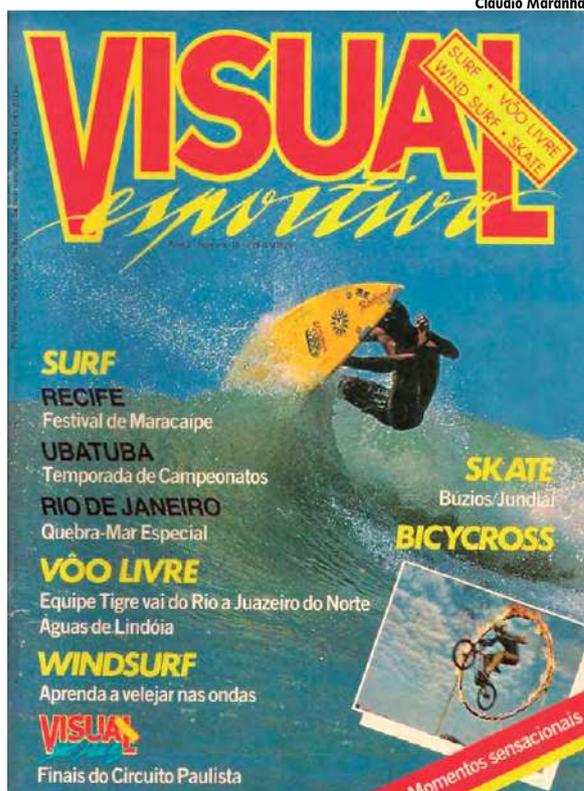
importante. Ele havia feito um trabalho para os militares na ilha e viu que as ondas eram lindas”.

Com boas ondas e pranchas de nível internacional, os campeonatos começaram a surgir no litoral potiguar. “Nascia ali uma cultura de competições que não havia nem no sudeste. Os campeonatos eram no RN, Pernambuco, Ceará e Alagoas”. Pouco tempo

depois, Felipe foi vice-campeão brasileiro, em Maracaípe (PE), e no mesmo ano 1984 estampou a capa da Revista Visual Esportivo. Pela primeira vez a praia de Baía Formosa aparecia em uma publicação nacional.

“Não se forma campeões sem onda de qualidade para aprender a entubar com perfeição. Sempre digo isso quando me perguntam se o RN tem onda. Estarmos atualmente no Top do Surf Mundial e é um presente a todos que contribuíram com muito esforço físico, financeiro e mental desde a nossa primeira competição em 1975. Somos de um estado pequeno que nunca teve marcas nacionais que patrocinasse as novas gerações.

Cláudio Maranhão



Capa da Revista Visual, edição de 1984, com Felipe Dantas na praia de Pipa

Fábio Gouveia



Felipe surfando no Dique de Cabedelo, em 1985

CAMPEONATOS BRASILEIROS E INTERNACIONAIS DE SURF

A experiência internacional começou em 1979 na sua primeira viagem ao Hawai. “Até o final da minha carreira em competições, em 2005, conheci todos os continentes, fiz amizades que até hoje me recebem muito bem. Aprendi muito culturalmente sobre turismo, comidas, lendas, histórias locais e uma diversidade de coisas do dia a dia que muda de país para país. Falar inglês foi imprescindível, nos dá mais

acesso à informações do mundo moderno e à mídia. Aqui em Bali, algumas crianças de ilhas remotas pedem um dicionário Bahasa Indonésio/Inglês para aprender e ter mais oportunidades”.

Felipe competiu internacionalmente por 25 anos. O primeiro torneio aconteceu no Rio de Janeiro, em 1980, no Arpoador. O Waimea 5000 que era também uma das primeiras competições de surf realizadas no país. “Tive

excelentes resultados no Hawai, Europa, África do Sul e aqui no Brasil. Cheguei a estar em 19º no atual ranking da era moderna da WQS surf, um ranking do Circuito Mundial de Surf, que classifica para o WCT, que corresponde a elite mundial do surf”.

Uma de suas viagens a Fernando de Noronha, que ainda não estava no circuito de surfistas do mundo, aconteceu em 1983. Felipe guiou o repórter



Fábio Gouveia

Felipe Dantas e Fábio Gouveia ao lado do campeão mundial Cheyne Horan (fileira do meio)



Bruno Alves

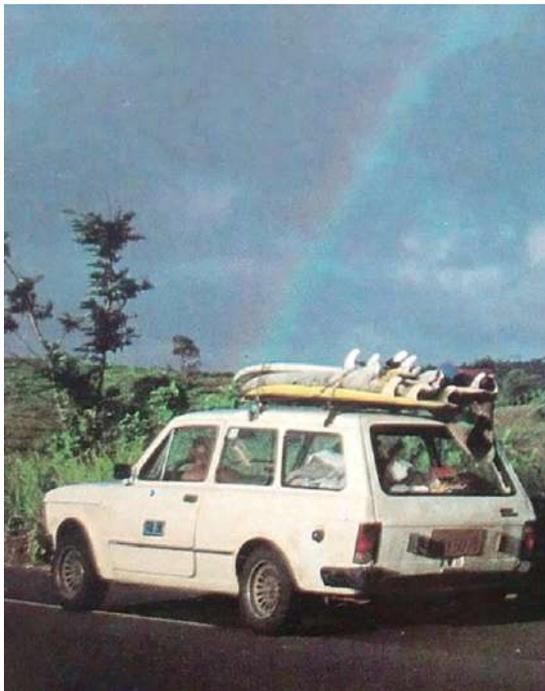
Felipe Dantas (na ponta) em Fernando de Noronha apresentando a ilha para o jornalista Bruno Alves da Fluir



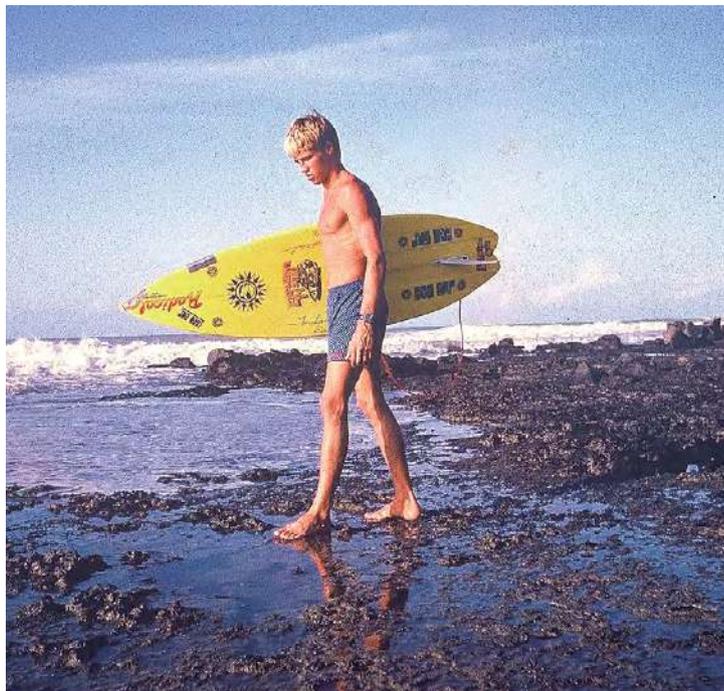
Marco Lelievre

Descobrimos Fernando de Noronha

Michel Graf Lichnowsky



Muitas quilometragens praianas do Fiat de Felipe Dantas



Claudio Maranhão

Os anos 80 foram dominados por Felipe Dantas



Bruno Alves

Em Fernando de Noronha no ano de 84

Bruno Alves, recém-contratado da Revista Fluir, até a ilha a bordo de um veleiro. Na matéria que desvendava pela primeira vez o local, uma curiosidade daquela época onde havia muitas terras inexploradas. O repórter intitulou o texto de “Quatro Graus ao Sul do Equador”, o acordo era não “dar o nome aos bois”, ou seja, para evitar a invasão de surfistas, as publicações davam poucas pistas de onde eram os lugares com ondas tão perfeitas. Uma “tradição” que não se seguiu tempos depois. Felipe Dantas foi capa da revista Fluir em 1985, num registro de onda na

ilha que descobrira.

O potiguar também era conhecido por sempre trazer novidades para os demais surfistas do Nordeste, inclusive a “chinfra”. Na edição 02.6 da versão brasileira da revista The Surfers Journal, o paraibano Fábio Gouveia, outro ícone do esporte, conta sobre sua admiração por Felipe. No texto ele narra as diversas vezes que descia para a praia nos mesmos horários de Felipe, apenas para observar o ídolo, que sempre usava uma joelheira. Mesmo sem nenhum arranhão, Gouveia também passou a usar uma, pois queria ficar

o mais parecido possível com Felipe. Em outra ocasião, Dantas vestia uma camiseta com apenas uma das mangas. Dias depois, Gouveia aparece na Praia do Bessa, em João Pessoa, com uma camiseta sem manga. Como ele mesmo escreveu “só de chinfra”.

Por volta de 1986, nascia a Associação Brasileira dos Surfistas Profissionais (ABRASP). O circuito passou a ser realmente profissional com prêmios em dinheiro e regras internacionais. “Quando o circuito brasileiro começou, decidi que morar no Rio era necessário. Pois era perto de todas as outras provas e também



Felipe Dantas em Lagundri Bay, Nias, Indonésia

da principal mídia esportiva da época que era a Rede Globo. Eu fiz amizades com pessoas que me ajudaram a aparecer no Fantástico, Esporte Espetacular e Globo Esporte por várias vezes e sempre quando tinha um ótimo resultado nas competições”. Na praia Rio Doce, em Búzios, Felipe era o primeiro a chegar. Por volta das 4h da manhã, quem passava pelo local já via uma S10 parada e Felipe observando as séries.

No Rio, morava na Barra da Tijuca e foi vizinho do jornalista esportivo Fernando Vannucci, que era o Chefe de Redação Esportiva da Rede Globo. “Ele sem-

pre arranjava um espaço e me-
tia as competições brasileiras da ABRASP ao redor do Brasil na tela da TV. O Surf foi se tornando uma febre em todas as praias ao longo dessa jornada de 32 anos de profissionalismo. É lindo de ver isso hoje em dia o Brasil bicampeão do mundo em um esporte tão disputado no planeta”.

Com o nome brilhando no cenário nacional e longe de casa, Felipe levou o RN pelo mundo e também foi pioneiro nas viagens “Surfaris”. Uma gíria que une as palavras surf e safari para denominar a busca por lugares isolados, com natureza selvagem e

boas ondas.

Ele conta que o Rio Grande do Norte tem fama internacional através de transmissões de TV a cabo e via broadcast. “Há um retorno grande para o turismo potiguar. Isso, sem ajuda governamental nenhuma. Outros locais foram transformados pelo surf em centros turísticos mundiais. É sem dúvida uma das maiores ferramentas de marketing do mundo moderno, como por exemplo onde moro atualmente. A ilha de Bali, na Indonésia, recebe 12 milhões de turistas anualmente. Grande parte de surfistas deixando milhares de dólares”.

Aaron Chang



Fotografado por Aaron Chang no North Shore havaiano, em 89



Oráculo das ondas, Felipe é conhecido pelo feeling para descobrir os melhores picos

CRÍTICAS À FALTA DE INCENTIVO NO RN

Para Felipe, o nosso estado possui ótimas condições para se tornar uma referência mundial. “As praias são lindas, a temperatura da água também é boa, e é fundamental. Pipa não se tornou o que é hoje da noite para o dia. Não teve ajuda do governo. Foram os surfistas divulgando mundo afora. Os gringos sempre mais antenados, chegaram juntos e fizeram acontecer”.

Além de Pipa e Baía Formosa, Felipe destaca o litoral na região de Gostoso e as Urcas de

Galinhas, que segundo ele, nesse verão de 2018 foi um dos assuntos mais comentados do ano no Canal OFF, na TV a Cabo. “O surf movimenta bilhões de dólares por ano. São passagens, estadia, alimentação e serviços do mais variados ligados a praia, aventura e relaxamentos”.

Mas as críticas não vão apenas para o poder público. “Ítalo Ferreira é um exemplo desse nosso trabalho de décadas no surf. Somente de premiação ele já deve ter ganhado algo

em torno de R\$ 1 milhão. Fora os contratos e patrocínios. Eu gostaria de perguntar ao povo do RN, qual o atleta potiguar que já faturou essa grana em somente 6 meses de trabalho? A sociedade tem que acordar também. O surf é um dos nossos principais esportes. É o único atualmente que tem um atleta reconhecido mundialmente, aparecendo nas maiores emissoras de TV do planeta. Sempre colocando o nome de Natal em evidência”.

Em 1999, com 38 anos, Felipe foi convidado pela Associação dos Surfistas Profissionais (ASP) para participar de um mundial no Rio de Janeiro. “Me saí muito bem, perdendo apenas para Sunny Garcia, campeão do Rio Alternativa Pro. Hoje, esse evento é patrocinado pela OI e é um dos maiores do Brasil. Chega a levar mais de 30 mil pessoas a praia na final em Saquarema. Um município que investiu muito em mídia e marketing, junto com o Governo do Rio e a OI, para que esse sucesso acontecesse. É um exemplo de um ótimo trabalho entre esporte e turismo”.

Longe das competições desde 2005, Felipe mora atualmente em Bali, onde comanda a companhia OnParadise2, um receptivo de surfistas e turistas que queiram conhecer as belezas da ilha. Porém, mesmo nos negócios continua surfando “como um garoto”. São 48 anos de prática do esporte. “Minha esposa Tatiana Puccinelli e eu sempre vínhamos para Indonésia, passávamos pelo menos 5 meses por aqui. Há 3 anos decidimos vir de vez. Aqui é um país lindo, rico em diversidade. Tem montanhas, cachoeiras, hotéis maravilhosos e um água do mar cristalina”.

Desde a mudança definitiva, o casal não voltou mais a Natal. “Aqui temos ondas de janeiro a janeiro. A violência é muito pequena. Você não precisa se preocupar com roubo de carro, celular ou qualquer outra coisa”.

Mesmo com saudades da família e amigos, o fator segurança pesa mais. “Nos sentimos seguros aqui. Essa conjuntura social estabelecida sem responsabilidades no Brasil nos afasta. Deixo aqui meus votos de melhora para a capital de sol e mar”.

Como o próprio espírito do surf, Felipe também é desapegado às convenções modernas e não gosta muito de dar entrevista. O esporte inovador também

reflete na maneira que encara a vida. Sempre olhando para frente. “O hoje é o importante. O que passou é história. É sobre quem somos hoje e o que estamos fazendo”. Divide com o saudoso pai, os méritos que recebe por ter feito a diferença no surf português. Nas publicações especializadas e nas redes sociais dos fãs, Felipe Dantas continua sendo a lenda. “Vê aí o que você vai escrever, hein?”, finaliza.



Atualmente morando em Bali, Felipe e Tatiana comandam a OnParadise2



Reunião com a Liga Mundial de Surf, em Bali

Bruno Lima/MTUR



CAMPEÃO MUNDIAL

Surf olímpico de Italo Ferreira



DE REVELAÇÃO
À CAMPEÃO
MUNDIAL
DE SURF EM
APENAS CINCO
ANOS, SE
DEPARA AGORA
COM A PRIMEIRA
OLIMPIADA

Por Leonardo Souza
Fotos: Divulgação

Nos últimos cinco anos, o surfista potiguar Italo Ferreira viu sua vida ser transformada através do esporte que por muito tempo era apenas o seu lazer.

De uma origem simples, na praia de Baía Formosa, Italo apostou no esporte a maneira de encontrar outra realidade. E encontrou: em 2015 foi eleito atleta revelação do WSL, a Liga Mundial do Surf.

Da sua entrada na elite do esporte a ser eleito o campeão do mundo, muitos obstáculos e superação, sobretudo no último ano, quando Italo perdeu a matriarca da sua família, sua avó e alguns meses antes, um tio de quem foi muito próximo.

E na adversidade ele tem mostrado a sua melhor versão, campeão mundial após também vencer os jogos mundiais da associação internacional de Surf (ISA), que é um capítulo à parte dentro da história do primeiro atleta olímpico do surf brasileiro.



Bzzz – Não haveria como iniciar essa entrevista, sem relembrar o episódio da medalha de ouro no ISA World Surfing Games. O que aconteceu, momentos antes de você entrar na praia e conquistar aquele 10?

IF – Realmente um dos momentos mais marcantes da minha trajetória. Tinha tudo pra ser uma competição normal, onde eu estaria focado e concentrado para competir. Mas dias antes, enquanto ainda estávamos na Califórnia, quis o destino que o nosso carro fosse arrombado e levado todos os nossos pertences, entre eles, meu passaporte. Louco ne? Mas nem por um minuto eu pensei em desistir de estar na competição, eu sabia que iria para o Japão, só ainda não sabia como. Não foi fácil, retirar um documento, visto, tudo de última hora... sei que o no meio disso tudo, cheguei faltando poucos minutos para acabar a bateria, minhas pranchas ficaram pelo caminho e naquela hora ali só tinha a generosidade do Filipe que me cedeu a prancha e eu entrei na água com a roupa do corpo (uma bermuda jeans) e desejo muito grande de dar o meu melhor. Só eu e Deus sabíamos como foi chegar até ali. A recompensa veio com o ouro.

Bzzz – A sua história tem mostrado, inclusive a que você acabou de narrar, que você

é um grande campeão em superar. Foi assim com o campeonato mundial (WSL) quando dias antes você havia perdido sua avó. Como tem sido a preparação para as Olimpíadas?

IF – É um momento histórico, né? Primeira olimpíada para o surf. Viver isso como um dos dois brasileiros é realmente um privilégio. Eu durmo, acordo e treino visualizando a medalha e ela tem uma cor: dourada. A preparação começa assim, dentro de mim. Tenho aprendido que quando vem de dentro pra fora as coisas acontecem, mesmo na adversidade. Eu torço para não haver nenhuma adversidade, mas se for o caso, ela nunca será maior que a minha decisão de vender.

Bzzz – Você se considera um vitorioso?

IF – Seria me achar demais dizer isso. Mas eu posso afirmar que sou um bom candidato a vitória. Estou disciplinado no meu treino, essa é a minha prioridade. Construí uma bolha com amigos e família que me mantém no meu foco e com isso vou levando. Quero a vitória!

Bzzz – A preparação para uma olimpíada não é fácil. Não deve ser simples encarar o alto rendimento para um esporte olímpico.

IF – Verdade. Mas também não é diferente do mundial. É a mesma elite do surf, só que com o peso olímpico. O Comitê Olímpico Brasileiro cria uma atmosfera muito favorável para que a gente viva esse sonho olímpico, mas a preparação não é diferente do mundial. É ralado tão quanto.

Bzzz – Quando fala em sonho olímpico. De fato já sonhava com a olimpíada antes do surf se tornar um esporte olímpico?

IF – Acho que todo mundo que gosta do esporte, independente da sua condição social, rico ou pobre, quando assiste a uma olimpíada se coloca no lugar daquele atleta. O atleta ali não representa só a história, ele representa toda uma nação que está naquele instante acreditando e

sonhando junto com ele. Eu sempre me vi numa olimpíada como uma criança que se vê, como um competidor. Quando começou a se falar da possibilidade do Surf entra para a Olimpíada, aí não, eu me imaginei muito vivendo esse momento e vou honrar cada segundo dele.

Bzzz – Honrar seria brigar pelo Ouro?

IF – Mas é claro!! Esse Ouro já está muito aguardado em Baía Formosa!!

Bzzz – Como é sua relação com Baía Formosa?

IF – É pra lá que eu volto quando termina cada competição. Com troféu, sem troféu, lá é meu arrimo, minha segurança, minha fortaleza. Quando venço uma competição, minha cidade minha abraça. Mas se o contrário disso acontece, eu chego lesionado por exemplo, é minha cidade que vai me abraçar do mesmo jeito. Então a chance de escrever na história que um filho de Baía Formosa se tornou o primeiro brasileiro medalhista olímpico no surf me deixa muito feliz.

Bzzz – Você já entrou para a história do Rio Grande do Norte e também do Brasil, no surf mundial. O que o atleta Italo Ferreira espera pro futuro?

IF – Já percebeu que meu foco é a olimpíada, né? Mas pensando além disso, posso dizer que eu quero muito continuar competindo, levando o nome da minha terra, mas mais que isso, eu tenho muita vontade de mostrar que o surf é um esporte que transforma, que mais jovens que estão na área de vulnerabilidade podem sonhar alto, podem vencer. Eu queria muito que o esporte fosse o instrumento de transformação na vida de outros Ítalos Ferreiras nesse Brasil a fora.

Bzzz – O que você diria para os Ítalos Ferreiras desse Brasil a fora?

IF – Treine muito, seja perseverante, acredite e confie nos seus sonhos e, quando chegar lá, nunca esqueça de onde você saiu. Afinal, é pra lá que você volta ganhando ou perdendo, assim se escreve sua história.



PORTUGAL

Além do óbvio, **pois**

PUBLICADA EM SETEMBRO DE 2017



Castelo de Almourol



EM ALTA, PORTUGAL
TEM MUITO A
OFERECER E
POTIGUARES
DESCOBREM O PAÍS
ALÉM DOS PONTOS
JÁ CONSAGRADOS.
CONHEÇA OUTRAS
E IMPERDÍVEIS
EXPERIÊNCIAS DAS
TERRAS LUSITANAS

Por Clara Vidal
Fotos: Ricardo Junqueira

Que tal se hospedar em “bolhas” e dormir sob o céu estrelado? Ou no topo de uma serra em uma vila medieval protegida por muralhas? Que Portugal vive um ‘boom’ no turismo todo mundo sabe, mas o que pouca gente explora são as vilas e cidades históricas que proporcionam experiências ainda mais singulares no país.

Em Penamacor, vila portuguesa perto da fronteira entre Portugal e Espanha, além de visitar a área histórica que inclui o castelo e igrejas, o visitante pode optar por hotéis conhecidos pelas águas termais ou ainda uma hospedagem menos tradicional. Junto à Reserva Natural Serra da Malcata, a 8 km da vila, uma pousada oferece, a partir de 100 euros, tendas esféricas para que o visitante descanse perto da natureza e sob o céu da região. A divisão entre a área interna e externa da “bolha” é feita por uma fina tela de plástico na frente e no teto da estrutura.

Ainda seguindo perto da divisa entre Portugal e Espanha, a cerca de 150 km, está a Vila de Marvão. Localizada no ponto mais alto da Serra de São Mamede, a região foi estratégica durante séculos para proteger povos e evitar invasões. Uma história que tem início ainda no período romano com a antiga cidade de Ammaia, fundada no século I. A área também chegou a ser ocupada pelos árabes, recuperada pelos portugueses e palco de batalhas contra os espanhóis.

Hoje, é uma vila tranquila e acolhedora rodeada por muralhas antigas do século XIII e do século XVII e com simpáticas casas que podem servir de alojamento para turistas a preços acessíveis. “O lugar é encantador e você dorme bem e come bem”, diz o potiguar Kleber Tinoco, prestes a abrir uma empresa em Portugal que vai atuar, entre outras atividades, no turismo. A ideia é trabalhar com roteiros personalizados e aproveitar as aldeias históricas do país. Para Kleber, que já visitou 126 cida-

des e vilas lusitanas, até mesmo o português “que saiu para descobrir o mundo inteiro” precisa despertar para preciosidades do país. Para quem vem de fora, a recomendação é de pelo menos 10 dias para conhecer as cidades mais movimentadas e as vilas. “Essa parte da fronteira com a Espanha tem muita coisa antiga, castelos lindos, e vale a pena a visita”, conta.

O itinerário vai incluir sugestões de hospedagens, restaurantes, passeios e monumentos em Portugal. Saindo

de Marvão, por exemplo, uma das paradas pode ser a ponte de Alcântara, estrutura de origem romana construída entre os anos 104 e 106 e que encanta pela grandiosidade e longa resistência: não sofreu muitas alterações, apesar de ter quase dois mil anos de idade.

Até mesmo no litoral, Kleber ressalta praias fora da rota turística que muitas vezes se resume as que estão localizadas no Algarve ou Cascais. “Azenhas do Mar, em Sintra, nem é tão longe de Lisboa e é belíssima”, indica.



Aldeia de Sortelha



Belmonte



Aldeia de Sortelha

'ALDEIA PRESÉPIO' E A 'ALDEIA MAIS PORTUGUESA DE PORTUGAL'

Portugal conta com a Rede de Aldeias Históricas desde 1991. Criado com o objetivo de preservar e restaurar locais de importância cultural, incentivar o turismo e combater o envelhecimento e desertificação populacional, o projeto inclui doze vilas: Almeida, Belmonte, Castelo Medo, Castelo Rodrigo, Castelo Novo, Idanha-a-velha, Linhares da Beira, Marialva, Monsanto, Piódão, Sortelha e Trancoso.

Kleber destaca a menor delas, Piódão, onde as casas são feitas com pedra de xistos e as portas e janelas estão pintadas de azul. A arquitetura peculiar e o enquadramento na encosta fize-

ram com que ganhasse o apelido de "aldeia presépio". O potiguar conta que também visitou Sortelha, a aldeia de granito com o charme português, e Monsanto, que recebeu o título, na década de 30, de "Aldeia mais portuguesa de Portugal" e tem registros de presença humana desde o período paleolítico. O canal de TV britânico BBC descreveu o local como um "autêntico museu ao ar livre" e sublinhou a localização da aldeia numa colina repleta de blocos de granito, muitos deles fundidos com as casas.

Aproveitando a alta do turismo, o governo português anunciou, em novembro deste ano, o

investimento de aproximadamente um milhão de euros para tornar as vilas mais acessíveis. Quarenta e cinco prédios e monumentos vão receber adaptações. Kleber comenta que o poder público tem dado bastante atenção ao turismo - um dos fatores da melhora econômica do país nos últimos anos - apostando na valorização de áreas menos conhecidas. "O (rio) Douro, por exemplo, é incrível e precisa ser conhecido além da parte tradicional. E estão explorando isto. Fica a lição para o Rio Grande do Norte e Brasil. Portugal está sempre lançando novas propostas para movimentar ainda mais o turismo", pontua.



Aldeia de Piodão



Serra da Estrela





Marvão



Aldeia Monsanto

MÓNICA PINHEIROFLUCKER

PARADA OBRIGATÓRIA: ALENTEJO

Portugal tem 92 mil quilômetros quadrados – continente e ilhas. Para se ter uma ideia, é menor do que o estado de Pernambuco, que tem quase 98 mil km². O Rio Grande do Norte tem 52.797 km². O país europeu “cabe” 92 vezes dentro do Brasil. A maior região de Portugal, o Alentejo, que tem esse nome por causa da localização “além do rio Tejo”, tem área de aproximadamente 31 mil km². Lá, estão as aldeias históricas de Marvão, Arraiolos, conhecida mundialmente pela tapeçaria, e Mértola, que já foi cidade romana e capital de reino árabe. Mas o Alentejo é um “país” dentro de Portugal e tem de um pouco de tudo – praias, castelos, frio, calor, artesanato, gastronomia e, claro, vinhos, muitos vinhos.

Dois dos principais produtos de exportação em Portugal estão predominantemente no Alentejo: os vinhos e a cortiça, usada na fabricação de rolhas. A variação climática durante o ano, com sol forte durante o verão e tempo frio e seco durante o inverno, e o solo pouco inclinado estão entre os segredos do sucesso. Outro fator são os anos de experiência das vinícolas. Em Évora, maior cidade do Alentejo, a Adega Cartuxa acumula 262 anos na produção e aperfeiçoamento do produto. As vinícolas não podem faltar no roteiro e o empresário recomenda a “Herdade das Servas” e a “Adega Mayor”. E para quem quer uma

experiência de luxo, uma dica é se hospedar no L'and Vineyards onde funciona um restaurante premiado com uma estrela Michelin. O hotel também oferece prova de vinhos, serviços de spa e até passeio de balão. Outra opção é o Torre de Palma, hotel que funciona como vinícola localizado no coração do Alentejo.

Para Kleber Tinoco, a região deve ser parada obrigatória de todo turista e, não a toa, classifica o Alentejo como a sua parte favorita do país. "Acho que o Alentejo tem uma relação muito forte com o nosso sertão, o nosso Seridó. O povo é diferente, acolhedor. Toda a região é diferente". Além das vinícolas, Kleber tem estudado possibilidades de passeios para fugir do lugar comum, como acompanhar



Marvão

a produção de azeite e de queijos. Curioso, ele conta que a cada andança faz uma descoberta diferente e as pesquisas não param. "Sempre que posso me mando e vou conhecer algum lugar. Que-

ro saber o que há de diferente, o que comer, o tipo de artesanato. Portugal não se resume a Lisboa, Porto, Cascais e Sintra. É um país pequeno, mas tem tudo o que você imaginar. É maravilhoso".



Pousada Molinho do Manelo (Penamacor)

ELIANA LIMA E O PROJETO AS LISBOETAS

A jornalista potiguar Eliana Lima, que cursa mestrado em Filosofia Política na Universidade Nova de Lisboa, aproveita para enviar notícias da vida em Portugal: tudo que vê, sente, vive e indica. Criou o blog As Lisboetas e os seus perfis no Instagram, Facebook e Twitter com o mesmo nome, por meio dos quais dá dicas também sobre a Europa como um todo, pois costuma aproveitar folgas e feriados para conhecer outros países no continente.

Por meio de sua coluna na Revista Bzzz, Eliana traz dicas preciosas para quem quer visitar ou morar em terras lusitanas, como a melhor forma de alugar um imóvel, busca pela cidadania, quais as melhores instituições de ensino superior, além de procurar esclarecer direitos, deveres e todas as burocracias com o consulado brasileiro.

O destaque das notícias fica por conta do roteiro gastronômico diferenciado que ela tem percorrido na Europa, que vai além do já explorado em roteiros turísticos, e que destaca as culinárias italiana, japonesa, chinesa, indiana,

francesa, além da portuguesa, é claro, e todas que encontra pelo caminho.

Ao lado da repórter Clara Vidal e do fotógrafo Alex Costa, a jornalista tem feito diversas parcerias para mostrar esse conteúdo. Uma delas é exatamente com o potiguar Kleber Tinoco, com quem tem produzido roteiros diferentes, para surpreender até quem já conhece o país e que logo estarão disponíveis para viajantes. Vem muito por aí: passeios em aldeias, vinícolas, bairros pouco conhecidos e tudo que a Europa tem a oferecer a nativos e turistas.



Mostar, na Bósnia, cidade mártir da guerra dos Balcãs que hoje atrai muitos turistas pela sua rica história e por muita beleza



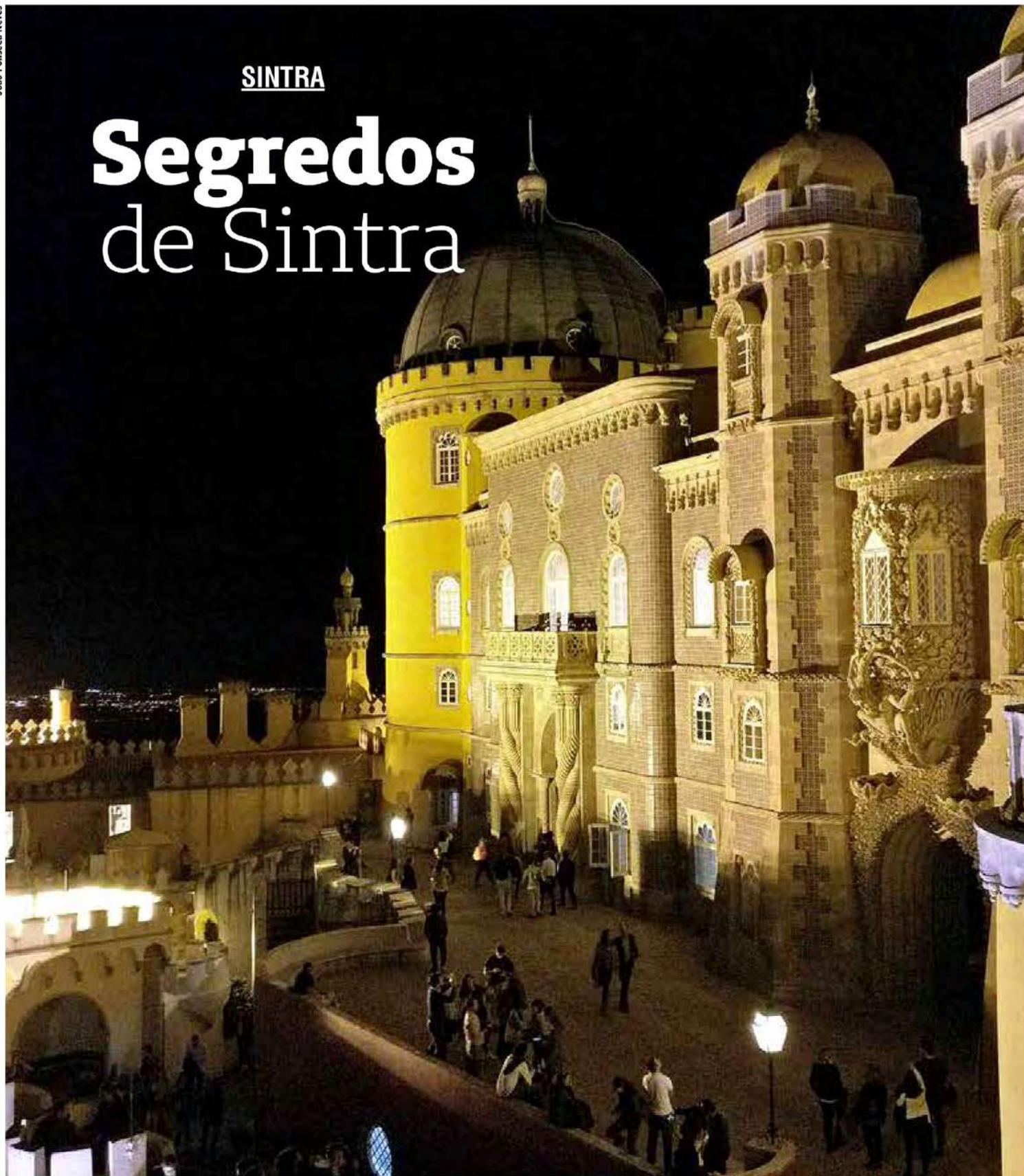
Kleber Tinoco e Eliana Lima tratando de roteiros, no badalado ZeroZero do Príncipe Real



Em Split, Croácia

SINTRA

Segredos de Sintra





CASTELOS,
PALÁCIOS,
JARDINS,
HISTÓRIAS DE
NAÇÕES, MISTURA
DE CULTURAS,
AMORES E UM
TANTO QUE
A VILA A 30
QUILÔMETROS
DE LISBOA,
CONSIDERADA
UMA DAS MAIS
CHARMOSAS DO
MUNDO, GUARDA
EM UM ROTEIRO
MERGULHADO
PELA BZZZ

Por Clara Vidal
Foto: Clara Vidal



Inspiração para povos antigos, refúgio de monarcas e atualmente cenário de cliques de turistas que chegam de todas as partes do mundo. Não tem como negar: independentemente da época, Sintra, a cerca de 30 quilômetros de Lisboa, é uma das vilas mais charmosas do mundo, tanto que foi classificada, em 1995, Patrimônio Mundial no âmbito “Paisagem Cultural” da Unesco.

O lugar encanta – há muito, muito tempo – pelas belezas naturais, misticismo, monumentos e história. “A região, povoada desde o paleolítico, foi visitada por uma série de povos. Aqui era um lugar mítico, o fim do mundo conhecido. Chegava-se ao Cabo da Roca, a ponta mais ocidental do continente europeu e se estava no limite da terra conhecida”, diz o historiador português João Rodil. Ele explica ainda que os povos primitivos da região cultuavam a lua, a “deusa”, e por isso a Serra de Sintra também é conhecida como Monte da Lua. “Para a história da humanidade não faz muito tempo que tratamos

‘Deus’ no masculino. No caso da Península Ibérica apenas há cerca de 1600 anos que se fala o ‘Deus’. Nem sequer com o nascimento de Cristo isto. Antes, era no feminino, a ‘deusa’. A criadora da vida e da morte, cultuada nas diferentes formas da natureza”, ressalta. Sintra transformou-se no grande santuário da vertente que cultuava a lua, o que explica a origem de particularidades sagradas da região.

Além da importância para a história da humanidade, o território presenciou momentos essenciais da trajetória de Portugal, como a ocupação dos mouros, a presença dos templários, a fundação do país e os “descobrimientos”. Desse último, um detalhe interessante: Dom Manuel, o rei de Portugal no período das grandes navegações, estava em Sintra quando recebeu as notícias sobre o descobrimento do caminho marítimo para a Índia, resultado de expedição liderada por Vasco da Gama, e da chegada da frota comandada por Pedro Álvares Cabral a uma nova terra, que seria chamada, mais tarde, de Brasil.



João Rodil, historiador português

VISITANTES EM NÚMEROS

Atualmente, palácios e castelos estão entre os monumentos mais visitados de Sintra. De acordo com a Sociedade Parques de Sintra-Monte da Lua, que gere espaços naturais e culturais na zona da Paisagem Cultural de Sintra e em Queluz, em 2018, os parques e monumentos sob a sua gestão receberam mais de **3,5 MILHÕES** de visitas (3.513.200), o que significa um aumento de 10% em relação ao ano anterior.

O Parque e o Palácio da Pena tiveram **1.976.367** visitas, seguidos pelo Castelo dos Mouros (592.578) e o Palácio Nacional de Sintra (521.402). A maioria dos visitantes, 86%, é de fora de Portugal e os países com maior expressão são o Reino Unido (19,9%), a França (11,6%) e a Espanha (11,1%), “mas o número de entradas de norte-americanos, brasileiros, italianos, alemães, russos e chineses também assume grande relevância”, afirma nota da sociedade. Outro lugar encantador bastante procurado pelos turistas é a Quinta da Regaleira, administrada pela Fundação Cultursintra, e que em 2018 recebeu mais de um milhão de visitas.



Castelo Mouros

CASTELO DOS MOUROS E INFLUÊNCIAS ÁRABES

No alto da Serra de Sintra, o Castelo dos Mouros é um dos símbolos da passagem, a partir do ano 711, dos povos mulçumanos do norte da África na Península Ibérica. O ponto é privilegiado pela incrível vista da vila e do mar, mas toda a região atraiu os mulçumanos. “Se lermos as crônicas árabes desta época, descobrimos que para eles [mouros] chegar a Sintra foi chegar ao paraíso. Encontrar água em abundância e solo fértil com mais de uma colheita por ano ajudam a explicar isto”, pontua João Rodil, que destaca ainda

que, como herança, os árabes trouxeram, entre outros elementos, frutas cítricas, técnicas agrícolas e de construção essenciais para o desenvolvimento da zona.

A ocupação dos mulçumanos durou aproximadamente quatro séculos e foi D. Alfonso Henriques, primeiro rei de Portugal, que se apoderou do castelo com a saída dos mouros. A estrutura ficou em ruínas e só no século XIX as muralhas foram recuperadas por iniciativa de Dom Fernando II, um dos nomes mais significativos para as transformações de Sintra.

PALÁCIO NACIONAL COMO REFÚGIO DE MONARCAS

O Palácio Nacional ou Palácio da Vila também tem detalhes que remetem à época dos mouros em Portugal, mas chama atenção nos dias atuais pela mistura de estilos que incorporou desde então, como características de arquiteturas árabe, medieval, gótica e manuelina. A fusão ajuda a contar a história de Portugal ao longo

de séculos e vale destacar que de todos os palácios que os reis portugueses mandaram erguer ao longo da Idade Média, apenas o de Sintra chegou a atualidade mantendo a essência de meados do século XVI.

Se os senhores mouros de Lisboa passavam tempos de lazer em Sintra, o mesmo ocorreu depois com os reis portugueses

tornando o palácio um refúgio para membros da Corte. Os monarcas aproveitaram o espaço e acrescentaram ambientes, como a capela. Dom Manuel (rei da época dos Descobrimientos) fez as últimas grandes obras. O Palácio foi utilizado pela Família Real Portuguesa praticamente até ao final da Monarquia, em 1910.



Palácio da Vila tem misturas de estilos arquitetônicos

O PALÁCIO DA PENA E O ESPÍRITO DO ROMANTISMO

Dom Manuel caçava no alto da Serra, perto de uma gruta com a imagem de Nossa Senhora, quando viu uma nau entrar no estuário do rio Tejo. A notícia que veio em seguida era de que os portugueses tinham descoberto o caminho para a Índia. “Em honra dessa graça, que Nossa Senhora da Penha o tinha dado, o rei mandou limpar o cume da serra e construir um convento dedicado a Nossa Senhora da Penha. Ele foi entregue a Ordem de São Jerônimo porque D. Manuel era muito devoto da ordem [ele fundou o Mosteiro dos Jerônimos em Lisboa]”.

O convento sofreu com a ação de raios e tempestades até que, em 1834, com a extinção das ordens religiosas, a estrutura, em ruínas, caiu em desuso. Esta história mudou pouco tempo depois, em 1838, quando D. Fernando II, rei consorte de origem germânica, comprou o antigo mosteiro, reaproveitou o que pôde e foi transformando toda aquela área no que hoje é o ponto turístico mais visitado de Sintra: o Parque e o Palácio da Pena.

O local é uma expressão de amor à sua primeira esposa a rainha D. Maria II (filha de D. Pedro I do Brasil e Maria Leopoldina), que morreu aos 34 anos após o parto do décimo primeiro filho do casal, e, depois, à segunda mulher, a Condessa de Edla, que ganhou um charmoso chalé



Palácio Pena

inspirado em construções das montanhas suíças.

O projeto do palácio, com características do romantismo como o interesse pelo rústico e pitoresco, contou com a ajuda do engenheiro prussiano barão Ludwig Von Eschwege e toda a experiência resultou ainda no primeiro estudo climatológico

de Sintra. Dali, concluem algo incrível: podiam plantar o que quisessem no parque e assim o fizeram, misturando arte e natureza. “Com isso criou-se o gosto pelos parques botânicos. Os nobres que fizeram quintas em Sintra quiseram imitar o rei e assim a serra foi ficando coberta de árvores”, enfatiza João Rodil.

O MILIONÁRIO DO BRASIL E OS MISTÉRIOS DA QUINTA DA REGALEIRA

No fim do século 19, o homem mais rico de Portugal à época, nascido no Rio de Janeiro e de pais portugueses, se chamava António Augusto Carvalho Monteiro, o “Monteiro dos Milhões”. O pai já tinha acumulado muito dinheiro no Brasil e ele conseguiu ampliar a fortuna da família com o comércio de café e pedras preciosas vindos do país da América do Sul.

Formado na Universidade de Coimbra, Monteiro era um homem muito culto e tinha uma das maiores bibliotecas do mundo, incluindo a maior coleção de obras de Camões – que foi vendida, em leilão, e está em Washington, EUA. Ele comprou a Quinta da Regaleira (que recebeu esse nome por causa da antiga dona,

a baronesa de Regaleira) e como sabia que fazia parte de terra templária, queria fazer algo especial. O milionário rejeitou uma série de projetos até encontrar o par ideal para a missão: o cenógrafo e arquiteto Luigi Manini, um dos homens com maior projeção internacional na época.

Nada está na Quinta da Regaleira por acaso. Jardins, grutas e lagos estão repletos de detalhes que remetem a maçonaria, templários, alquimia e ao movimento Rosa-cruz (foram identificados percursos de iniciação para estas correntes). Há ainda referências a antigas religiões - como a “deusa” do início da matéria, e obras da literatura clássica, como a Divina Comédia de Dante. Uma das prin-



D. António Augusto Carvalho Monteiro e a sua mulher

cipais paradas na Quinta é o Poço Iniciático (ou torre invertida?), que pode representar “a morte e a ressurreição; a descida para as trevas e a subida para a luz”.

Fotos: sintra-lovers.pt



Poço Iniciático ou torre invertida é uma das principais atrações na Quinta da Regaleira



OS FABULOSOS JARDINS DE MONSERRATE

Tire uma tarde para sentar e relaxar no enorme gramado em frente ao Palácio de Monserrate numa área que abriga um dos jardins mais ricos de Portugal, onde se pode “passear pelos cinco continentes através da botânica”. O local começou a fazer sucesso no início do século XIX, quando o poeta britânico Lord Byron, apesar de ter demonstrado desprezo pelos portugueses numa breve visita ao país, não poupou elogios a Sintra e escreveu sobre Monserrate.

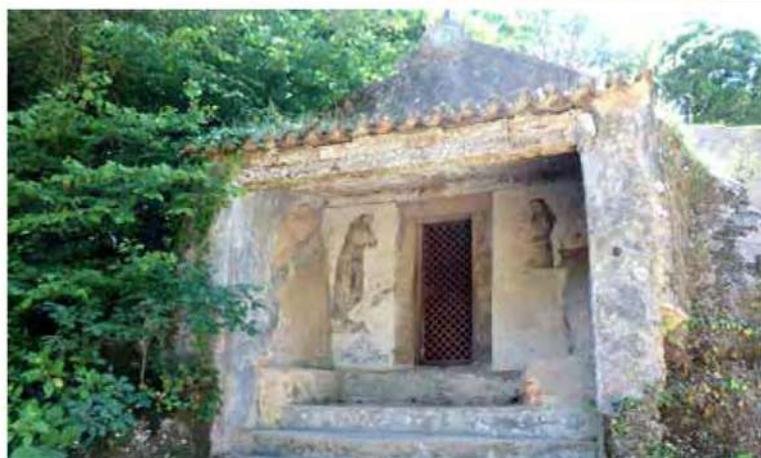
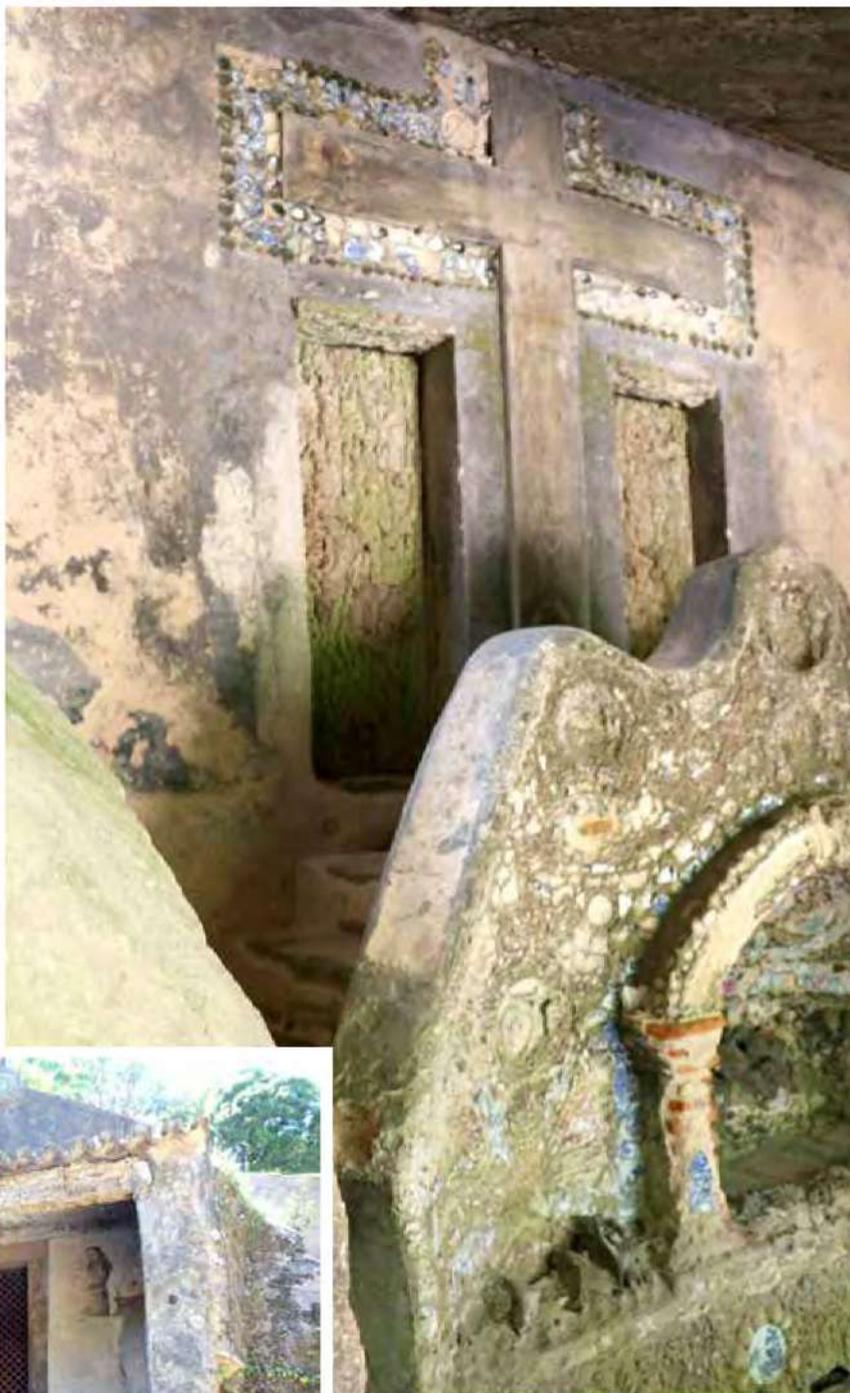
Em 1863, o inglês Francis Cook, que fez fortuna na Índia, se apaixonou e comprou o local. O projeto incluiu a renovação dos jardins e do novo palácio, construído sobre as ruínas de uma antiga mansão para residência de veraneio da família. Com o Palácio da Pena, Monserrate é um dos mais importantes exemplos da arquitetura romântica em Portugal. Francis Cook foi um grande colecionador de obras de arte e tinha a maior coleção de Santo Antônio (padroeiro de Lisboa) da época chegando a dedicar a capela do palácio a ele. A família vendeu a propriedade em 1947.



Jardins de Monserrate

A HUMILDADE DO CONVENTO DOS CAPUCHOS

Nem só palácios e luxo marcam a história de Sintra. A região contempla ainda o Convento dos Capuchos, mosteiro franciscano fundado em 1560 e que se destaca pela estrutura simples: são quartos e salas de dimensões reduzidas, o que pode assustar os mais claustrofóbicos, sem qualquer pretensão decorativa. Pedras e cortiças completam os espaços. “O rei Felipe I de Espanha e II de Portugal passou um tempo em Sintra e ficou muito sensibilizado com o desapego material dos frades. Eles não lhe pediam ou queriam nada, e nem tinham nada. Felipe escreveu que dos reinos dele duas coisas o orgulhavam: o Escorial [mosteiro], em Madri, por ser muito rico, e o Convento de Santa Cruz da Serra de Sintra por ser muito pobre”. Com o fim das ordens religiosas, o convento foi adquirido em 1873 por Francis Cook e em 1949, pelo Estado português.



Convento dos Capuchos



PRÉDIO

A Samaritana: uma vítima do descaso



DE PRÉDIO IMPONENTE A UMA RUÍNA CAINDO NO ESQUECIMENTO NO BAIRRO DA RIBEIRA

Por Ana Caroline Carvalho
Fotos: Ana Caroline Carvalho e arquivo

Andar pela Ribeira nos dias de hoje é testemunhar o descaso com a história e identidade da cidade de Natal. O bairro, que um dia já foi a principal área comercial da cidade, esconde em suas esquinas e ruelas locais que remetem a um tempo próspero, porém que possuem como atuais inquilinos o abandono. Ao chegar na Rua Dr. Barata, localizada próxima ao Beco da Quarentena, é possível identificar um prédio com arquitetura marcante, que se destoa do resto das lojas e comércios de linhas simples e banais, com uma fachada imponente onde se lê “A Samaritana”, e que apesar da negligência que o transforma em ruínas, ainda guarda ares respeitáveis.

É difícil não se encantar com a construção que apresenta um estilo arquitetônico que remonta ao período de uma época de ouro na cidade, a chamada Belle Époque potiguar, onde o chique era copiar a França. Segundo o historiador Anderson Tavares de Lyra, “não existe uma certeza de quem tenha sido o construtor do prédio, comumente se aceita como construtor um comerciante de origem libanesa de sobrenome Serquiz Elias”.

O historiador conta que os primeiros registros sobre o prédio remontam do ano de 1939 quando ele abrigou a loja de tecidos “A Samaritana”. Anderson Tavares de Lyra afirma que “o bairro da Ribeira, na época da construção do prédio

de A Samaritana, era o centro comercial de maior importância da Capital potiguar; no bairro encontravam-se sediadas as principais lojas, com destaque para a Paris em Natal, cinema, escola modelo, a mansão Villa Barreto (atual Co-

légio Salesiano São José), o banco do Natal, entre outras”.

O fechamento da loja de tecidos deu lugar a outros negócios no prédio. Nos anos 60, ele abrigou a Lojas Paulista de Alberto Lundgren e na parte superior, a

sala 5, “serviços de datilografia e mimeografia em estêncil em geral”. Posteriormente funcionou como pensão e no início dos anos 80 foi o local de um espaço cultural chamado “Café Frenezi”, do artista Arruda Sales.



Rua Dr. Barata

A SAMARITANA NO CENTRO DO COMÉRCIO POTIGUAR

A rua Dr. Barata, onde se localiza o prédio, foi uma das mais importantes para o comércio. Ainda no século XIX foi batizada de “Rua das Lojas”, época em que o local firmou-se como centro comercial. “Seu primeiro nome oficial foi Rua Correia Teles, uma homenagem a um militar do Assú, herói da Guerra do Paraguai. Em 1888, foi mudado para Rua Visconde do Uruguai, um antigo político do

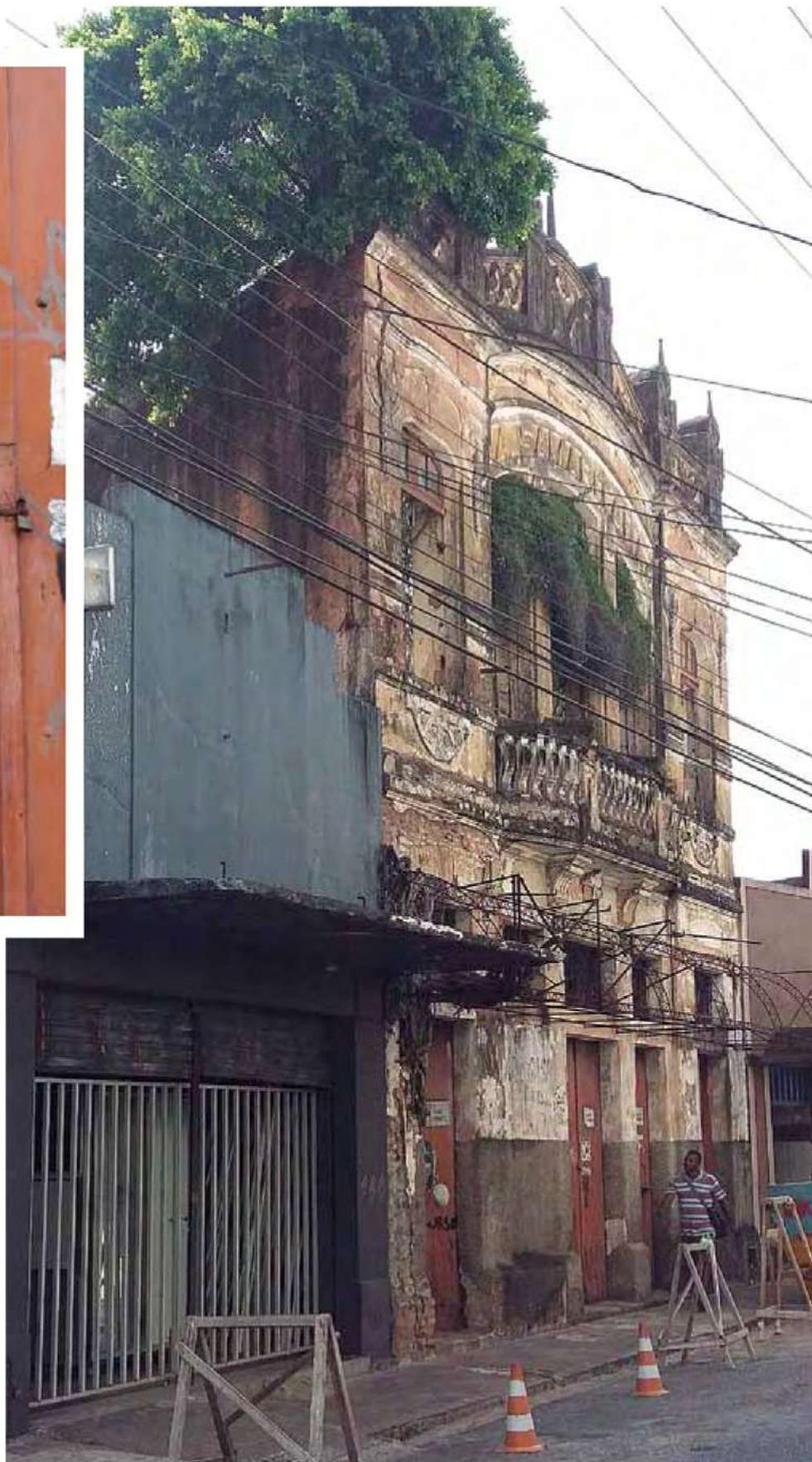
império. Até que em 1900, a Intendência do Natal denominou-a de Rua Dr. Barata em homenagem a um dos heróis da independência, o médico Cipriano José Barata de Almeida, falecido em Natal no ano de 1833”, afirma o historiador Anderson Tavares de Lyra.

Durante a Segunda Guerra Mundial 1939-1945, a Rua Dr. Barata continuou com a sua vocação comercial em alta. Uma das ativi-

dades mais naturais e que diz da importância da rua naquele contexto eram as fotos que eram feitas de pessoas andando pela rua, em poses naturais. Segundo o escritor Júlio César de Andrade, na época da guerra o comércio cresceu ainda mais, sendo a Dr. Barata: o local de comércio chique da cidade. Lá funcionavam as principais casas da moda, por isso, era o lugar indicado para o ‘footing’.



Construção esquecida parece que vai desmoronar a qualquer momento





A TENTATIVA DE REVIVER A BELLE EPOQUE

No início dos anos 80, o artista Arruda Sales, que dá vida à personagem Danuza D'Salles se apaixonou pela construção. "O objetivo era abrir um café teatro, um proposta totalmente diferente dos bares e casas noturnas da época, foi quando surgiu o Frenesi", lembra Arruda. Com clientela variada, o estabelecimento tinha como atração principal as peças teatrais encenadas dentro do casarão. "Interpretávamos sátiras de pessoas conhecidas na cidade, paródias e, inclusive, tivemos grandes nomes no palco do Frenesi, como Rogéria".

Arruda Sales afirma que na época em que abriu o Frenesi Café Teatro queria fazer parte da revitalização da Ribeira, que já vinha sofrendo com o abandono naquela época. "Revitalizei o prédio para poder abrigar o café, ins-



talei portas de ipê, mas preservei a arquitetura original", disse.

A falta de investimentos no bairro provocou o fechamento do Frenesi apenas 2 anos depois, em 1983. "A falta de estrutura

A falta de estrutura foi decisiva para tomar essa decisão, o Frenesi trouxe um novo ar à noite natalense, mas infelizmente não conseguiu resistir ao descaso do poder público com a Ribeira.

Arruda Sales

foi decisiva para tomar essa decisão, o Frenesi trouxe um novo ar à noite natalense, mas infelizmente não conseguiu resistir ao descaso do poder público com a Ribeira", lamenta Arruda.

DESTINO INCERTO

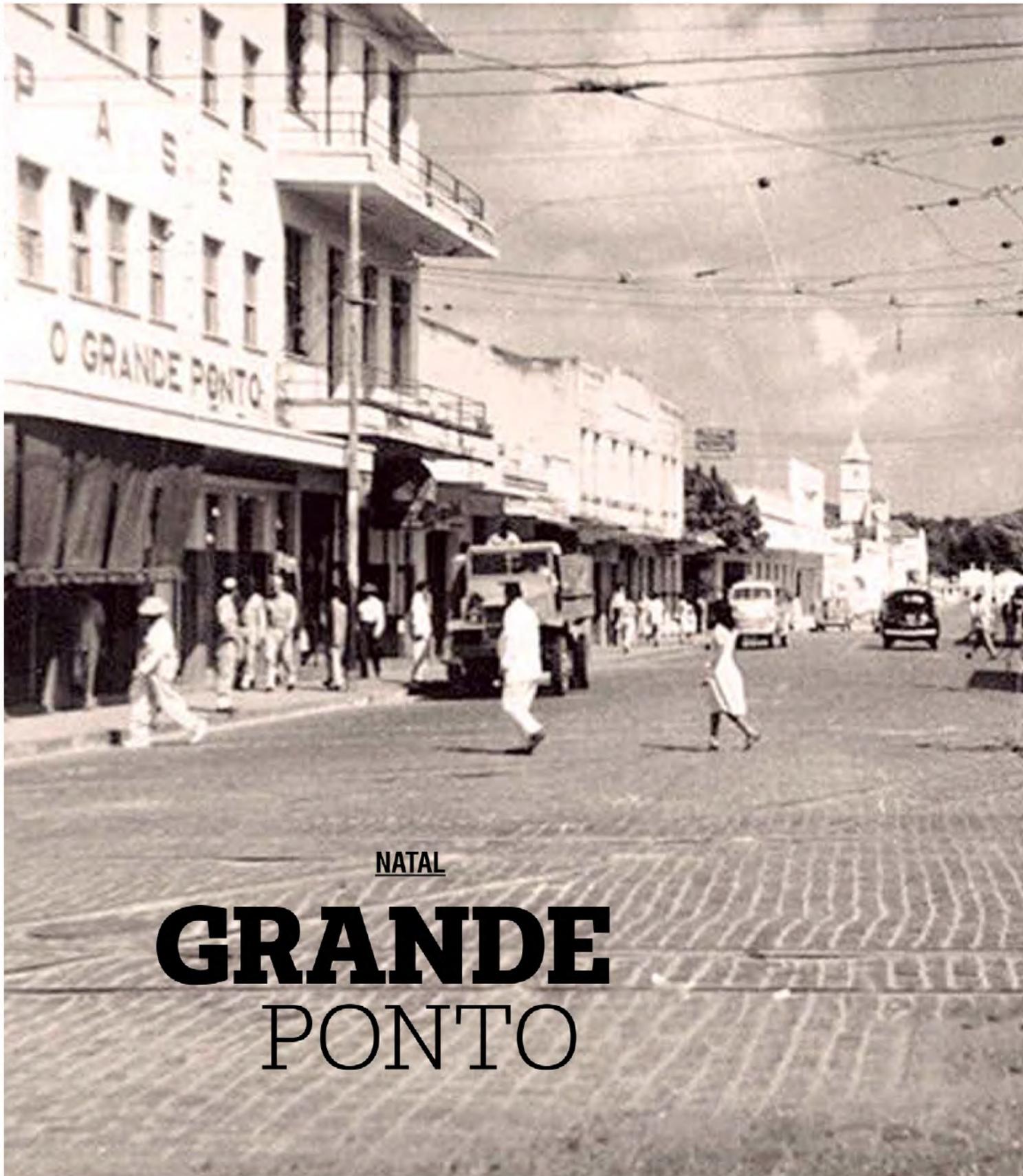
Atualmente o prédio está sob os cuidados de Roberto Serquiz, dono da água mineral Santa Maria, e sua família. O empresário afirma que a construção está em inventário, por isso ainda não pôde dar um destino digno da sua história ao prédio d'A Samaritana. "Acredito que o prédio guarda uma parte da história da cidade, por isso penso em fazer

dele um espaço cultural que reúna artistas e estudiosos da cidade", afirmou.

Roberto Serquiz reforça que a morosidade do processo de inventário pesa contra a preservação da construção, mas que está se esforçando para deixar a memória, tanto de sua família, quanto dos velhos tempos da Ribeira, viva.

O destino do prédio parece tomar o mesmo rumo do bairro da Ribeira. Quem passa pela construção não reconhece o valor histórico e pouco se interessa pela revitalização do quase "monumento". A aparência marcante da construção parece ser a única resistente ao tempo que aos poucos apaga a história e faz de Natal uma cidade que arrisca seu passado.

PUBLICADA EM ABRIL DE 2015
Foto: Joca



NATAL

GRANDE PONTO



LOCAL DE ENCONTROS,
DISCUSSÕES POLÍTICAS E
INTELECTUAIS FOI TOMADO
PELO COMÉRCIO, MAS SUAS
MEMÓRIAS FAZEM VIVO
O ESPAÇO IMPORTANTE
PARA A HISTÓRIA E PARA A
FORMAÇÃO DE NATAL

Por Marksuel Figueredo
Fotos: Arquivo Tavares de Lyra

“Foi a minha segunda casa na juventude”. Aos 89 anos, o advogado e escritor membro da Academia Norte-Riograndense de Letras Jurandir Navarro descreve em poucas palavras, mas com precisão o Grande Ponto. “Era o berço da boemia, do bate-papo entre literários, políticos, famosos e anônimos. Por lá, se debatia de tudo”, lembra o intelectual.

Na metade da década de 1940, após a Segunda Guerra Mundial, a região das avenidas Rio Branco, João Pessoa e Princesa Isabel, passou a ser frequentada como nunca pela sociedade natalense. Jurandir Navarro, por exemplo, batia ponto todos os dias no local. “Era certeza me achar naquela região às cinco da tarde”, afirma. E foi assim pelo menos nas duas décadas seguintes.

“O Grande Ponto era democrático e, por isso mesmo, era apaixonante. Se você queria discutir futebol, discutia. Se tinha interesse pela política, era o local certo. Ah, mas também tinha quem fosse ao Grande Ponto para falar bobagem e só bater perna. A história da minha vida passa por ali”, diz.



BONDES ELÉTRICOS

O que passou por ali também foram os bondes elétricos com a urbanização da capital após a Guerra. “Natal foi base dos americanos durante a Segunda Guerra e a urbanização da cidade,

com o fim do conflito mundial, fez do Grande Ponto local de destaque. A presença dos americanos em Natal é mais um atrativo e um incremento para o bairro de Cidade Alta”, diz o historiador

Matheus Costa.

Ele lembra que o Grande Ponto foi revolucionário no processo de urbanização e modernização da capital. “Consultórios médicos, casas bancárias, clubes,

associações e cinemas também passaram a fazer parte do cenário”. O Grande Ponto abrigou os cinemas REX, Rio Grande e Nordeste. O último foi pioneiro ao transmitir as imagens da telona em um ambiente com ar condicionado e provocou grandes transformações na forma de o natalense se enxergar. Breno Câmara, também historiador, diz que Natal herdou dos americanos as necessidades das abstrações da vida urbana.

“Antes de tudo, o Grande Ponto representa a fuga do homem moderno do seu cotidiano. Os cinemas são símbolos da velocidade e dinamismo, da projeção de uma vida perfeita, quando a pessoa comum se imagina na telona. Os clubes, bares e cafés são zonas de debates, ora politizados, ora literários, ou até mesmo conversa de ‘miolo de pote””, conta Breno. O termo Grande Ponto é homônimo a um dos cafés da região.



Breno Câmara, historiador



Do grande ponto foi feita esta foto que mostra a força pública guardando os deputados de 1935 na casa que ficava em frente



CENÁRIO POLÍTICO

A política, sem sombra de dúvidas, foi um dos assuntos dominantes no Grande Ponto durante o seu auge, entre as décadas de 1950 e 60. Freqüentador assíduo do local, o potiguar Luiz Antônio Torres Porpino, conhecido como “Marechal Porpa”, começou a ir ao Grande Ponto na adolescência e ganhou gosto pelas rodas de debates. “A gente conversa sobre futebol, cenas do cotidiano e muita política”, lembra.

O Grande Ponto era freqüentado até mesmo pelo prefeito da época: Djalma Maranhão. Aliás, na década de 1960, Djalma Maranhão reafirmou a importância social, política, econômica e cultural do Grande Ponto ao instalar uma rede de alto-falantes no espaço para veicular músicas e notícias da cidade, devido ao intenso fluxo de pessoas pela área.

“Politicamente, o evento de maior repercussão nos anos 60 foi o discurso de Leonel Brizola em frente à Confeitaria Cisne. Foi quando ele chamou pela primeira vez os militares de gorilas



O “Marechal Porpa”, dono de muitas histórias

para o Brasil todo ouvir. Eu estava lá acompanhando tudo”. O marechal conta também que no cruzamento das avenidas João Pessoa e Rio Branco, onde hoje é a Praça Kennedy, eram montados os palanques para comícios da época. Os principais discursos aconteciam no Grande Ponto.

“Lembro de um duelo entre Aluizio Alves e Djalma Marinho pelo governo. Os discursos no palanque do Grande Ponto eram termômetro para apontar quem venceria as eleições. Djalma Ma-

rinho era um jurista, intelectual, culto, mas que não reunia condições para derrubar um líder populista como Aluizio, que tinha o dom da oratória e fazia isso muito bem no palanque do Grande Ponto”, destaca.

Assim como Jurandir Navarro, o Marechal Porpa lembra com saudade dos tempos de auge do Grande Ponto. “Morei cinco anos na Alemanha e sempre carreguei do outro lado do oceano o Grande Ponto. Até hoje ainda passo por lá. É um sentimento de nostalgia”, diz.

A DERROCADA

Já na década de 1970, o Grande Ponto começa a perder sua força ao ser invadido pelo comércio informal e, ao mesmo tempo, com a expansão da cidade em direção à Zona Sul. O historiador Matheus Costa atenta para a chegada dos shoppings centers, que passam a esvaziar o berço da boemia natalense.

“O estigma de um local boêmio, de reunião para as elites da cidade de Natal se transforma em zona de mercado ambulante, sem a presença dos políticos e intelectuais. Exemplo disso é o Café São Luiz, marco do Grande Ponto. Ele voltou a abrir as portas após um período de inatividade, mas no ano passado fechou porque não foi capaz de reaver o glamour vivido pela área décadas passadas”, diz.

Hoje, o Grande Ponto é um espaço de saudade. Ainda que a parte física exista, agora substituída por outros tipos de comércio e dinâmica, a ideia de ficar presente reside apenas na memória dos que um dia viveram aquele cenário. “Os novos muitas vezes sequer sabem o que foi o Grande Ponto. Mas na verdade, a história de Natal também passa por aquele quadrado da Cidade Alta. Vale a pena conhecê-lo”, finaliza Matheus.



Matheus Costa, historiador



O endereço do grandes encontros da capital potiguar





Gilson Bezerra

www.penaestradatrilhas.com



AREZ

Histórica, mística e resistente

CIDADE
ENCANTADORA,
DE HISTÓRIA
FORTE DESDE
OS TEMPOS DAS
DISPUTAS COM
HOLANDESES,
TEM CEMITÉRIO
TOMBADO PELO
IPHAN, IGREJA
ENTRE AS MAIS
ANTIGAS DO
BRASIL E É UM
PARAÍSO DO
ECOTURISMO

Por Gilson Bezerra
Fotos: Rosângela Machado

Demorei para conhecer Arez e sua incrível importância histórica. Apesar de visitar a vizinha Georgino Avelino desde a década de 80, quando saíamos eu, Adriana Lucena, Gustavo Maia e Patrícia Amorim para passeios de barco pela pouco visitada Laguna de Guaráiras, no barco de Seu Daniel, partindo de Tibau do Sul, até à antiga Vila de Surubajá, onde sempre descíamos do barco para comer fartamente camarão, ostras e mariscos. Ficávamos por ali, tomando banho de maré, degustando a abundância dos frutos do mar do local sem explorar muito o entorno da Laguna.

Quando construí minha casa na Lagoa de Boágua em Nísia Floresta, passei a ser mais assíduo da região, visitava Georgino Avelino com meus amigos de Nísia para rodadas de caldo de ostras regado a cerveja no Bar da Ostra, localizado num mirante que dá vista para toda a laguna – uma das vistas mais bonitas do estado.

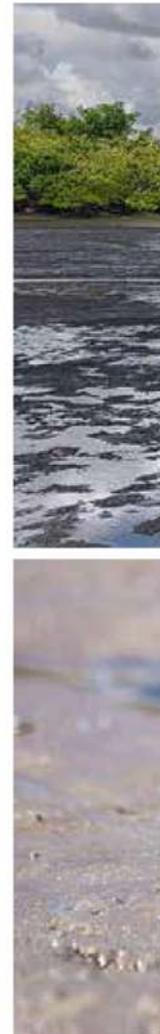
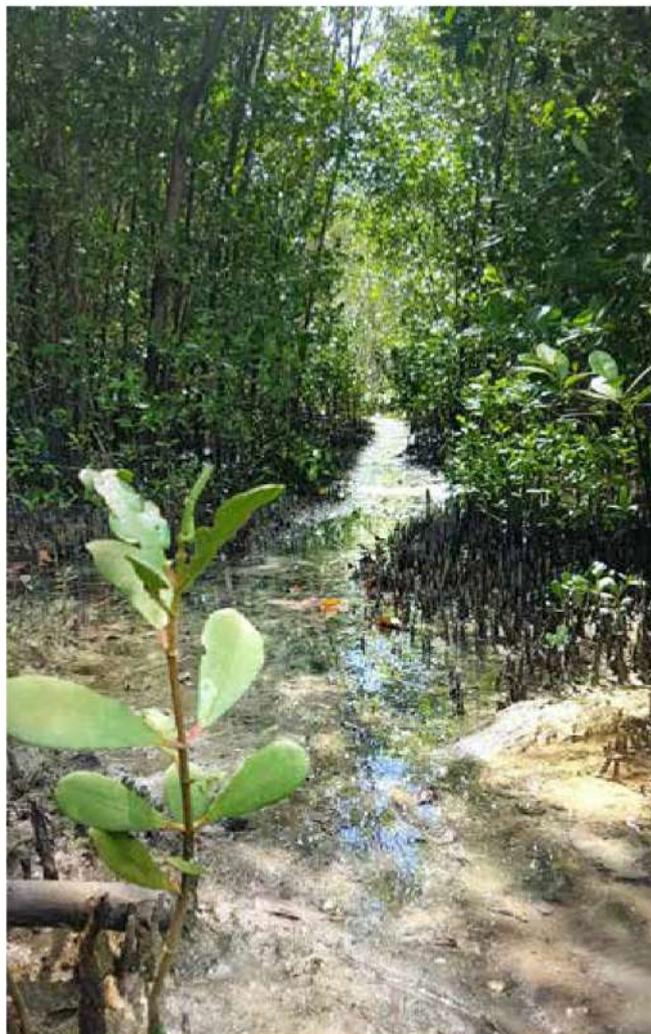
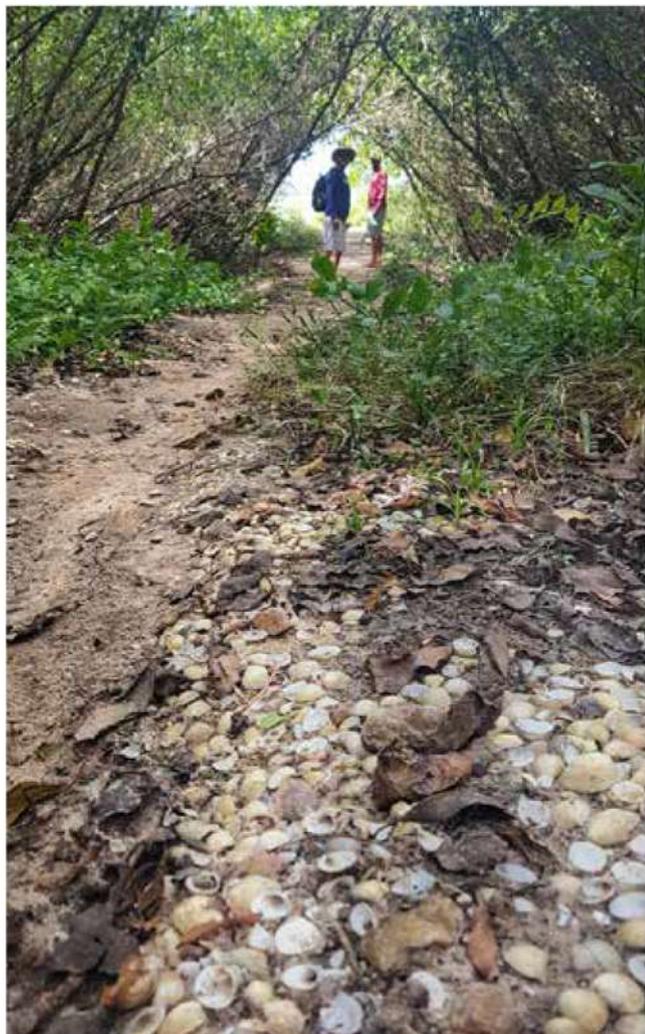
Pois é, Arez estava ali do lado, era o município que fazia divisa com Georgino, a 58 km de Natal e faz parte do polo da Costa do Dunas. A Vila Nova de Arez foi fundada em 1760, nas terras da antiga Aldeia Antônia, habitada por portugueses e indígenas desde 1612. Segundo o mestre Cascudo, “uma zona de lavoura, intensamente trabalhada e habitada mesmo antes da colonização portuguesa... Estabelecimento agrícola e militar durante o domínio holandês. Aldeia de indígenas tupis sob a direção de padres jesuítas”.

Eu já ouvira falar antes do cemitério de Arez, cuja fachada fora

tombada pelo Iphan em 1962. O cemitério foi construído em 1882 pelo missionário capuchinho Frei Herculano e tem estilo Rococó, considerado o mais bonito do estado e único no Brasil nesse estilo.

Um dia resolvi ir a Pipa por um caminho diferente e foi quando descobri Arez. Cheguei numa cidade pequena e com aspecto de vila, com uma igreja, um cruzeiro e uma praça, que obedeciam ao traçado comum das vilas coloniais como a potiguar Vila Flor e a baiana Trancoso. A igreja imponente no centro, um cruzeiro e um pelourinho na frente e um grande largo com uma praça cercada de casas formando o quadrado.

A Igreja João Batista de Guaráiras, em Arez, é considerada uma das mais antigas do Brasil. Foi construída pelos missionários portugueses da companhia de Jesus com ajuda dos índios e colonizadores. A construção levou 17 anos para ser concluída e foi inaugurada em 24 de junho de 1659, já praticamente concluída, faltando apenas as torres. Hoje, uma ala do piso superior da igreja abriga um museu composto por peças históricas encontradas na região, outras doadas por famílias locais, arte sacra, artilharia, louças e uma coleção de vidros antigos. Peças de cartografia, fotografias, mapas e documentos completam o acervo. O Conjunto de imagens do templo representando os três Reis Magos foram tombados em 1962 e é composto por peças policromadas vindas de Portugal, entalhadas em madeiras e provavelmente data do século XVII.



A ILHA DO FLAMENGO

No lado oeste da Laguna de Guaraíras está localizada a Ilha do Flamengo, batizada com esse nome pelos holandeses que chegaram ao local por volta de 1632 e lá construíram uma pequena fortificação. A ilhota, cercada de manguezais e com densa vegetação de mata atlântica no seu centro, possui apenas 2,5 hectares, mas foi palco de quatro sangrentas batalhas entre portugueses

e holandeses que aconteceram nos anos de 1647, 1658, 1650 e 1652, quando se deu a última, que terminou com a expulsão dos holandeses.

O lugar é cercado de mistérios e lendas e existem relatos de pescadores que nas noites de pescarias escutam gritos vindos da ilha. Comenta-se também a existência de um túnel de 5 km ligando a igreja matriz até o centro

da ilha, uma rota de fuga holandesa em caso de ataque português. Moradores antigos acreditam em tesouros e fantasmas de índios e europeus enterrados no lugar em tempos imemoriais. A ilha possui muitas espécies de pássaros, um cruzeiro construído na parte mais alta e uma gameleira centenária com grandes raízes expostas. Ela virou um point de visitas e recebe turistas interessados em



cultura e ecoturismo.

Voltei a Arez recentemente para fazer a prospecção de trilhas para minha empresa **Pé na Estrada Trilhas** e fui recebido por Eclécio Fernandes, jovem vereador da comunidade de Cerca do Grande, na zona rural do município, às margens da Laguna. Eclécio milita pelo meio ambiente desde criança, aos 13 anos foi representar o estado numa conferência nacional infanto-juvenil pelo meio ambiente em Brasília no ano de 2009 e não parou mais.

Atualmente, ele exerce informalmente o papel de condutor local, recebendo grupos e conduzindo o pessoal pelas belezas do município. Dono de um carisma e liderança invejáveis, o jovem vereador promove com frequência mutirões de limpeza pelos manguezais que circundam Arez e em especial na Ilha do Flamengo.

As refeições dos grupos geralmente acontecem na sua casa, numa espécie de restaurante rural da Tia de Eclécio, que serve delícias da culinária nordestina

como peixe frito, galinha caipira e feijão verde em mesas espalhadas embaixo de árvores no quintal da casa onde moram, uma experiência gastronômica especial.

Pouco a pouco, embalada pela crescente procura por novos roteiros e atrações, o turismo em Arez vai se fortalecendo. E assim riquezas desconhecidas vão se revelando, trazendo à tona um importante capítulo da história do RN que você pode conhecer agora, revivendo todo um passado de resistência, luta e glória.

HAPPY BIRTHDAY

Toda empresária potiguar com carreira consolidada nos EUA, Clíja Chait brindou grito de felicidade em Los Angeles, onde mora e fica a maioria dos restaurantes que administra ao lado do marido Bill Chait.

Ocasão para cerca de 20 convidados, com decoração das brasileiras Clarissa e Camila Rezende. Também brasileira, Karina Pires assina os cliques. E o menu foi assinado pelo chef com duas estrelas Michelin Raphael Francois.

No grupo seleta, o casal Chiu, Gabriel e Christine, ele cirurgião plástico renomado e ela estrela do reality show da Netflix, Bling Empire. Mais o vice-presidente da Gucci, Tommaso De Vecchi; o produtor de filmes Tanase Popa; a médica das estrelas e especialista em fertilização Kelly Baek; a atriz Christa Allen, estrela da série Revenge e do filme De Repente 30, do artista plástico currais-novense Rasmussen Sá Ximenes, o Mocê, do Mocotopia.

Fotos: Kátia Pires/Los Angeles



AH!

O casal Chait anunciou o projeto de expansão dos negócios em solo americano. A abertura mais aguardada e com previsão ainda para 2021 é a do restaurante Fannys, no Museu do Oscar, o Academy Museum of Motion Picture, em Los Angeles.



DE CERRO CORÁ PARA O MUNDO

Clija é uma seridoense de Cerro Corá que aos 18 anos se mudou para Natal, onde teve suas primeiras experiências de trabalho na área da gastronomia. Aos 24 anos foi morar em São Paulo, cidade que lhe abriu um mundo de possibilidades no seu ramo. Na época, trabalhou na administração e gestão de restaurantes italianos.

Em 2016 foi viver em Los Angeles, onde, além de atuar como empresária, passou a promover eventos privados em parceria com o marido Bill. Com trabalho também conectado ao mundo da moda, Clija conquistou clientes celebridades em Hollywood.



EMANUEL GRILO
advogado e escritor

Ninguém estava nem aí para os fatos

Ainda era de manhã quando os criminosos anunciaram o assalto e renderam os seguranças, prendendo-os, com os demais funcionários da loja, no almoxarifado.

Saíram do local levando vários celulares do estoque, por meio dos quais a polícia os localizariam dias depois.

Seu Francisco (nome fictício) fazia frete, e dias após o crime, foi contratado para fazer a mudança de um dos envolvidos.

A ligação na qual combinavam a mudança foi interceptada pelos investigadores, que acharam por bem indiciá-lo.

O Ministério Público o denunciou, apesar de não haver nada que o ligasse ao delito.

Ao descrever sua conduta, a denúncia dizia que ele havia escondido uma carga de café e um caminhão – ATENÇÃO – objetos que provavelmente foram mencionados por descuido de quem redigiu a peça de acusação, que não revisou o texto após fazer o Ctrl+C Ctrl+V de uma outra denúncia usada como modelo.

- De onde danado surgiu esse café e esse caminhão, doutor? – Perguntei ao promotor no dia da audiência de instrução – O roubo não foi de uns celulares? Como seu Francisco foi parar no meio dessa história?

O promotor, após folhear ligeiramente os autos, disse que havia uma interceptação telefônica no processo.

- Mas na interceptação eles combinam de fazer uma mudança – retruquei – Isso aí não foi erro de digitação, não? Não esqueceram

de editar o texto de outra denúncia, não, doutor? - Perguntei com gentileza.

Ninguém sabia dizer o motivo pelo qual a denúncia mencionava café e caminhão. Tais objetos simplesmente não existiam!

Mesmo assim, o MP, em alegações finais, pediu a condenação de Seu Francisco repetindo o texto da denúncia sem mudar uma vírgula, ignorando completamente o que se passou na instrução.

A sentença o condenou, também copiando e colando o texto da denúncia.

“Será o Benedito?”, indaguei incrédulo e com sangue nos olhos ao ler a sentença e me preparar psicologicamente para redigir os embargos de declaração.

Tal recurso – como era de se esperar – foi rejeitado com a frase feita segundo a qual “a defesa pretende rediscutir o mérito” e blá blá blá.

O que ocorreu naquele processo, embora seja exceção, não é incomum. Por este motivo faço este relato.

A indiferença à defesa foi de tamanha, que não fazia diferença se eu, em vez de apresentar resposta à acusação e alegações finais na máxima qualidade que meus exíguos conhecimentos possibilitam, tivesse juntado aos autos papel em branco ou uma receita de miojo. Ninguém estava nem aí para os fatos.

Talvez um dia eu conte o desfecho do caso, mas por ora, limito-me a compartilhar esse azedume que vivi.

E antes que me perguntem, já respondo: Sim, esta é uma história real.

experimente
É GRÁTIS

Acesso ilimitado a
dezenas de publicações

**Informação rápida,
simples e barata.**

As principais revistas,
jornais e livros em um só lugar!



boraler
publicações digitais

www.boraler.com.br





Mais de 200 revistas por apenas
R\$ 22,90/mês.



GoRead oferece acesso ilimitado a revistas de todos os segmentos. Você pode ler no seu smartphone ou tablet, ou baixar para ler quando quiser, mesmo offline.

GoRead. As melhores revistas em um único app.

EXPERIMENTE
30 DIAS GRÁTIS

Acesse goread.com.br
ou baixe o aplicativo.

